

# O PROTESTANTISMO BRASILEIRO

## Estudo de eclesiologia e de história social (VII)

(Continuação)

### CAPÍTULO IX

#### O PROTESTANTISMO BRASILEIRO ATUAL. OS PROBLEMAS ECLESIÁSTICOS DAS VELHAS IGREJAS.

**O final da nacionalização.** Dos problemas do corpo protestante, passemos aos das Igrejas, e, em primeiro lugar, ao mais antigo: o de suas relações com as missões estrangeiras.

O movimento autonomista, cujas primeiras manifestações estudamos, estendeu-se a tôdas as denominações. A Igreja Metodista estabeleceu, em 1930, seu *modus vivendi* com os missionários(1) e a tendência nacionalista teve a satisfação de ver eleito bispo, em 1934, um brasileiro, o Rev. César Dacorso Filho. Quando, em 1946, pareceu necessária a nomeação de mais dois outros

(1). — O **Diretório Protestante no Brasil** do Pe. Rossi fornece, sobre êsse assunto, as seguintes informações, tiradas do Boletim do Comité de Cooperação na América Latina (fevereiro 1931):

"Em 1926, devido à situação criada na República Mexicana pela nacionalização do ministério religioso e a clara desobediência de certa seita (a Igreja Católica) às leis do país, a Conferência Geral da Igreja Metodista do Sul instituiu uma comissão encarregada de estudar o problema do nacionalismo em seus diferentes campos missionários. Esta comissão trabalhou por espaço de quatro anos, reunindo as opiniões e pareceres de cada região com o objetivo de efetuar as mudanças administrativas que melhor contribuissem ao mais rápido desenvolvimento da Obra de Evangelização.

"Resultado desta investigação foi o estabelecimento de três Igrejas metodistas nacionais, autônomas quanto ao seu regime interno, no Brasil, na Coréia e no México. É certo que os metodistas brasileiros se limitaram a solicitar da Conferência Geral o privilégio de eleger seu bispo. Mas a Conferência Geral houve por bem conceder-lhe completa autonomia, enviando-lhes uma comissão para auxiliar os brasileiros na constituição de sua Igreja. A nova Igreja manifestou, porém, desejo de manter certos vínculos com a Igreja norte-americana. Com efeito, criou um Conselho Geral composto de oito membros representantes da Junta Missionária Estadunidense. Além disso, continuará no país o mesmo número de missionários norte-americanos.

"É interessante observar que, enquanto no México elegeu-se um nacional para bispo, no Brasil a escolha recaiu no missionário Tarboux. Convém notar que, tanto no Brasil como no México, o cargo episcopal é mais de ordem administrativa que espiritual. O primeiro bispo durará em sua dignidade um triênio e a começar de seu sucessor o mandato será de um quadriênio".

bispos, a escolha recaiu sobre outro brasileiro, Rev. Isaias F. Sucasas, e sobre um norte-americano, Rev. Cyrus Basset Dawsey. Assim, não somente o "Colégio dos Bispos" é nacional em dois terços de sua constituição, mas ainda tem como presidente o Bispo César Dacorso Filho, não obstante seu colega norte-americano ser mais velho e possuir maior antiguidade no ministério metodista.

O ano de 1932 presenciou, em São Paulo, o aparecimento de um pequeno cisma dando a impressão de que o protestantismo paulista queria participar da agitação sentimental que caracterizou a Revolução. A denominação em que se produziu — a Igreja Cristã Evangélica(2) — havia sido fundada em São Paulo mesmo, em 1900, pelo missionário inglês Reginald Ioung que introduziu assim, no Brasil, a *Christian Church* anglo-saxônica, congregacionalista no seu sistema eclesiástico e batista na sua doutrina, mas de horizontes largos e aceitando a comunhão com as Igrejas fiéis ao batismo por aspersão. Sua obra, absolutamente pessoal, foi entregue, em 1903, aos cuidados de uma "Missão Evangélica Sul-Americana", com sede em Londres, que se uniu, em 1911, a duas outras pequenas missões inglesas formando a "União Evangélica da América do Sul". Esta sociedade, bastante ativa, criou comunidades em toda a América do Sul, auxiliada por seu espírito irênico e por suas relações cordiais com todas as denominações evangélicas: fundou assim, um belo trabalho no Perú e na Argentina. Desde 1923, ela mantinha no Brasil 41 pregadores, nacionais e estrangeiros, em 23 comunidades, fundadas principalmente em regiões ainda não "ocupadas" pelos protestantes, como Goiaz. Nove anos mais tarde, discussões entre ministros brasileiros e missionários anglo-saxões terminaram pela secessão de um certo número dos primeiros "devido à falta de capacidade moral por parte dos novos missionários que foram enviados ao Brasil pelo *Board* inglês", nas palavras do promotor desse movimento, Rev. Benedito Hirth. Assim nasceu a "Igreja Cristã Evangélica Brasileira" que se manteve à parte quando, em 1942, as comunidades que permaneceram fiéis aos missionários se uniram às Igrejas Congregacionalistas. Suas comunidades, divididas em cinco campos de evangelização, possuem como órgão supremo o "Concílio Paulista", e este nome apenas é significativo(3).

Em 1932 aparecia também uma brochura, *A Fé Nacional*, que deveria preparar outro cisma autonomista. Seu autor, o Rev. Salomão Ferraz, já é conhecido por nós como defensor da validade do batismo católico e campeão da idéia de um protestantismo que não se coloque em oposição às tradições e aos hábitos espirituais do país. Estas idéias, expressas em 1915 em seu livro *Princípios e Métodos*, colocaram-no em dificuldade com a Igreja Presbiteriana

(2). — Ver as notícias do *Almanaque Evangélico Brasileiro* de 1922 e 1923.

(3). — Ver o Regimento interno da *Igreja Cristã Evangélica Brasileira* (aprovado em sessão plenária do Concílio Paulista em 23 de abril de 1943).

onde havia feito sua profissão e da qual era pastor, levando-o a ingressar na Igreja Episcopal. Esta havia sido criada no Brasil em 1890, por dois jovens missionários americanos, James Watson Morris e Lucien Lee Kinsolving, enviados pela *American Church Missionary Society*. Estabelecida em primeiro lugar no Rio Grande do Sul, onde sobrepujou os presbiterianos, e mantida pelo estabelecimento de um grande colégio em Pôrto-Alegre, estendeu-se depois para outras grandes cidades: Rio, Santos, São Paulo e Recife. Amplamente sustentada por dinheiro e missionários estrangeiros, atraira ou formara um número bem grande de pastores brasileiros; e a nomeação do Rev. Lucien L. Kinsolving como bispo começou, desde 1900, a dar-lhe o caráter de denominação organizada. Parece que as dificuldades apareceram com a morte do bispo Kinsolving, que foi substituído por outro norte-americano, Rev. N. N. M. Thomas. As tendências *Low Church* (anti-ritualistas) do novo bispo poderiam estreitar os contatos dessa denominação com o resto do protestantismo brasileiro, bastante desconfiado e crítico com respeito àquilo que lhe parecia uma acomodação ilegítima da Reforma às formas católicas. Deveriam elas, por outro lado, desagradar àquêles brasileiros, que aí haviam ingressado justamente para encontrar essa acomodação: o Rev. Salomão Ferraz, feito pastor da paróquia episcopal de São Paulo, estava à sua frente. Sua *Fé Nacional* foi seu manifesto. De um lado reivindicava nitidamente os direitos do ritualismo e de uma comunhão espiritual com o catolicismo (essa era a parte da *Fé*); de outro (a do *Nacionalismo*) os direitos dos brasileiros a uma Igreja que fôsse verdadeiramente sua pela inspiração e, adivinhava-se bem, pela direção. Os protestantes brasileiros reagiram contra o primeiro aspecto da brochura à qual um de seus melhores teólogos, o Rev. Alfredo Borges Teixeira, respondeu, em 1933, no *Estandarte*, dos Presbiterianos Independentes, por uma série de artigos sob o título "Controvérsia anglo-católica". A outra propaganda, de uso interno, se assim podemos dizer, de Salomão Ferraz, tendente à nacionalização de sua Igreja, resultou em uma significativa manifestação: o 38.º Concílio da Igreja Episcopal, reunido em fevereiro de 1936, em Pelotas, apresentou um memorial "sôbre a necessidade de ser criado o episcopado nacional" e "a oportunidade de ser consultada a Igreja quando chegar o momento da indicação de nomes à Igreja Mãe" (4). Salomão Ferraz, entretanto, não devia participar do desenvolvimento desta tendência. Separando-se da Igreja Episcopal por motivos pessoais, reuniu em São Paulo, em dezembro de 1936, um "Congresso Católico Livre", que decidiu a criação de uma Igreja Católica Livre, da qual foi êle, logo a seguir, eleito bispo. Ao mesmo tempo que criava, assim, à margem do protestantismo brasileiro, uma Igreja catolizante, Mons.

(4). — *Estandarte Cristão*, 1-7-50.

Salomão Ferraz combatia a primazia do bispo de Roma(5): a Semana de estudos sobre a Questão Protestante, realizada no Grande Seminário de São Paulo, em outubro de 1940, deu grande atenção a seu movimento(6). O desenvolvimento da Igreja Católica Livre exigia, entretanto, que a qualidade de bispo que havia concedido a seu fundador fôsse confirmada por um prelado que desfrutasse da sucessão apostólica. Pensou êle em pedi-la ao bispo jansenista de Utrecht. Impedido de fazê-lo, aproveitou-se da saída da Igreja romana (julho de 1945) do antigo bispo de Botucatu, bispo titular de Maura, D. Carlos Duarte Costa, para dêle receber, em 15 de outubro seguinte, a ordenação episcopal(7). E sua Igreja — que conta uma dezena de paróquias, principalmente no Estado de São Paulo, tendo, na sua direção, antigos padres romanos — possui uma organização completa, semelhante à de numerosas Igrejas ritualistas distribuídas em todo o mundo protestante.

Deslastrada daquele que considerava de certo modo um filho perdido, não obstante os grandes serviços que lhe prestara, a Igreja Episcopal do Brasil continuou, mais lentamente, no caminho em que êle contribuíra para colocá-la. Em 21 de abril de 1940 teve seu primeiro bispo brasileiro na pessoa do Rev. Athalicio Theodoro Pithan, consagrado pelo bispo Thomas, tendo como consagrantes auxiliares os bispos episcopais do México e de Cuba. A recente ordenação (12 de março de 1950) de um segundo bispo brasileiro, Rev. Egmont Machado Krischke, deu novo motivo de satisfação às tendências nacionais da denominação, assim como sua organização em três dioceses sujeitas a um "Conselho Nacional" administrativo e um Sínodo. Dêsse modo, ela deixa de parecer obra missionária para tornar-se ramo da Igreja Anglicana.

Finalmente, as próprias Igrejas alemãs não deixaram de receber uma organização autônoma. Não nos havíamos ainda referido a elas, como às demais Igrejas de caráter estrangeiro, devido às pequenas relações que possuíam com o protestantismo brasileiro. De início, e durante muitas décadas, quase completamente abandonados pelas Igrejas da Alemanha, os colonos vindos dêsse país apenas foram lembrados por elas a partir de 1886, quando Wilhelm Rotermund fundou a Igreja Evangélica Alemã do Rio

- 
- (5). — Principalmente numa Mensagem publicada em 1939, após a celebração de uma "Missa Nacional" e em uma conferência sobre a **Maioridade nacional civil e religiosa** pronunciada e publicada em 1941. Salomão Ferraz declarou-se seguidor, em suas diversas publicações, do arcebispo suco Nathan Söderblöm, de um discípulo dêste, o bispo alemão Friedrich Heiler, do bispo anglicano Gore, de Zankoff e de Beulgakoff.
- (6). — A brochura daí resultante, **A Questão Protestante no Brasil** (São Paulo, 1940) consagrou-lhe muitas páginas onde se tem o prazer de ver reconhecidas suas grandes qualidades morais.
- (7). — Não tardaram a romper-se as relações entre êles, o que torna mais admirável o gesto de D. Salomão Ferraz ao tomar a defesa, recentemente, de D. Carlos Duarte Costa, quando a Igreja católica e o governo, considerando sobretudo as intenções e os processos dos fundadores dêsses dois movimentos, não haviam estendido ao primeiro as queixas efetuadas e as medidas tomadas contra o segundo.

Grande do Sul que, em 1903, foi unida à Igreja Evangélica da Prússia. Durante muito tempo, as comunidades receberam da Alemanha os seus pastores, que não eram apenas simples pregadores improvisados; e somente após a primeira guerra mundial é que foi fundado um seminário em São Leopoldo; ainda assim, os alunos deveriam terminar seus estudos na Alemanha.

Esta estreita dependência das comunidades evangélicas alemãs com relação às Igrejas Mães européias, seu cuidado em trabalhar por manter, antes de tudo, o caráter germânico de seus membros, sua indiferença com relação à evangelização do país e sua inconsistência doutrinária, reflexo do confucionismo da denominação de que dependiam(8), foram a causa do sucesso da missão enviada ao Brasil, a partir de 1904, pelos "velhos-luteranos" da América do Norte, cujos antepassados haviam criado o "Sinodo Luterano de Missouri". Contra a Igreja Evangélica Alemã, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, fundada por essa missão, proclama: "Nosso único objetivo deve ser conquistar almas a Cristo, em qualquer língua que seja". Ocupada exclusivamente em realizá-lo (sob a forma luterana mais estrita) considerava "o abraçileiramento dos teuto-brasileiros como processo natural que não convinha obstruir"(9). Seus pastores pregavam tão bem em português como em alemão, quer para seus prosélitos de raça lusitana, quer para seus paroquianos germânicos que eles não procuravam conservar fiéis à língua e à pátria alemãs.

Suas iniciativas e seus sucessos provocaram vivas lutas, que negaram a violências de toda espécie. Levaram, também, os representantes da Igreja Evangélica Alemã a declarações de um extremismo, ao qual não era estranho o nacionalismo que reinava na Alemanha(10). A segunda guerra mundial e suas conseqüências

---

(8). — A Igreja Evangélica Alemã foi criada sobre a base da confusão do luteranismo e do calvinismo (1817) pelo rei da Prússia Frederico-Guilherme III que não hesitou em prender os pastores luteranos fiéis à sua fé.

(9). — Willems, pág. 485.

(10). — Encontraremos em Willems, págs. 483 e ss. textos significativos. "Para Wilhelm Rotermund, o fundador do Sinodo Rio-grandense, a desorganização dos teuto-brasileiros significava, ao mesmo tempo, a desorganização. Atitudes passivas diante dessas duas tendências, ele condenava como "pecado contra o divino e caro sangue de Cristo". Para ele, "germanismo e Evangelho estariam ligados para a vida e para a morte". "A nossa Igreja Evangélica Alemã — proclamava outro — fundada pela cristandade evangélica germânica, considera, embora reconheça a cultura luso-brasileira, a maneira profunda dos alemães de interpretar o evangelho, o culto religioso germânico, a língua alemã, os ricos tesouros de arte, ciência e teologia que trouxe da Alemanha, os dons divinos que ela sabe honrar e cultivar em igreja e escola". E ainda: "Até agora muitos membros das comunidades evangélicas alemãs do Brasil foram alemães mais por hábito que pela vontade de serem alemães. Será tarefa da Igreja implantar neles a consciência germânica... A Igreja Evangélica Alemã do Brasil só poderá cumprir a sua missão se for, conscientemente, Igreja nacional alemã... No interesse da nossa Igreja devemos exigir dos nossos ministros no Brasil que sejam alemães íntegros ao ponto de cultivar o germanismo na igreja e na escola". Estas últimas citações foram tomadas na obra *Deutschtum und Evangelium in Brasilien*, publicado por M. Dedekind em Leipzig, 1929.

provaram duramente esta exaltação encontrada, também, nos meios católicos(11). As Igrejas alemãs haviam já sido levadas, pela atividade das comunidades do Sínodo de Missouri, a admitir serviços em português para seus membros que não conhecessem o alemão, e a publicar, em sua intenção, um periódico, as *Folhas Evangélicas*(12). O governo obrigou-os a adotar a língua nacional nas escolas e em suas publicações. As circunstâncias de após guerra levaram-nos a unir as quatro organizações principais em que se dividiam — sem falar nas comunidades dependentes do Sínodo de Missouri, nos batistas e nas numerosas dissidências — a saber: o Sínodo do Rio Grande, a Igreja Luterana no Brasil( fundada em 1895), o Sínodo de Santa Catarina e Paraná (1911) e o Sínodo do Brasil Central que reunia, desde 1912, os fiéis de São Paulo, Minas, Rio de Janeiro (e Distrito Federal) e Espírito Santo. A Federação Sinodal assim criada, reuniu seu primeiro Conselho Eclesiástico em São Leopoldo, em maio de 1950. O ilustre pastor Niemöller esteve entre êles, sendo portador das saudações da Igreja Evangélica da Alemanha e declarando, em nome desta, a independência da Igreja Evangélica do Brasil. Fê-lo nos mais nobres termos e importa consigná-los aqui, tanto mais pelo fato de ter sido êle, durante sua viagem, muitas vêzes mal recebido por auditórios que nada aprenderam nem compreenderam sôbre a história mais recente da Alemanha:

“... Durante mais de um século, a Igreja no Brasil manteve as mais estreitas relações com a Igreja-mãe na Alemanha (13). O período atual de sua história significa uma mudança desta situação. Gostaria de compará-la à separação entre um filho ou uma filha e sua mãe. Não há dúvida de que isso causa sofrimento, mas é necessário que se faça... É necessário que, no Brasil, o filho se torne um instrumento para Cristo... A Igreja do Brasil, reunida neste Conselho, é independente e autônoma... É necessário que ela encontre seu caminho, olhando sempre para Aquêle que a chamou. Assim, haverá uma comunhão espiritual, um constante intercâmbio, e mãe e filha jamais estarão separadas. Esta comunhão com Cristo e em Cristo deve sempre constituir uma nova conquista. A Igreja alemã também muitas vêzes meditou, na última década... Nós não somos os senhores de vossa fé, mas os servidores de vossa alegria... Vossa luta será árdua e nem sempre fá-

- 
- (11). — Willems atenua êsse fato (pág. 489) embora reconhecendo-o (pág. 495). Sem dúvida, não podemos conceder demasiado descrédito ao livro de G. von Eichenberg, *Templários Modernos* (São Paulo, 1941), panfleto contra a Congregação (quase totalmente alemã) dos Missionários do Verbo Divino, que acusa — parece que por motivos bem pessoais — êsses religiosos de manejos separatistas durante a última guerra, e principalmente por serem responsáveis pela famosa carta da *Deutsche Republik von Brasil* compreendendo os Estados de Rio Grande, Santa Catarina e Paraná.
- (12). — O problema é tratado pelo Pastor Presidente Dohms nas *Deutsche Evangelische Blätter für Brasilien*, 1927, fâsc. 9, e por K. Oberacker, *Die volkspolitische Lage des Deutschtums in Rio Grande do Sul* (Iena, 1930, pág. 61).
- (13). — Seria necessário, como vimos, retirar dêsse século muitas de suas primeiras décadas.

cil. Será ardente como é ardente o sol do Brasil. Mas podeis ter firme o olhar, como Cristo o teve em sua última hora, quando se dirigia a Jerusalém, onde o aguardava a Cruz. Nosso caminho não é diferente, a nós também. É o caminho da cruz do Gólgota" (14).

Todo o protestantismo brasileiro encontra-se, pois, no caminho da autonomia com relação às Igrejas-Mães. Não podemos afirmar tenha êle alcançado completamente êsse estado, à parte os Presbiterianos Independentes e as pequenas Igrejas dissidentes de que falamos há pouco(15).

A mais avançada nesse sentido é a Igreja Presbiteriana que, através de uma parte de seus filhos, encontra-se nesse caminho há muito tempo. O *Modus operandi* de 1916 funciona regularmente, sob os cuidados de uma Comissão cuja reorganização é, atualmente, objeto de cogitações(16). O apóio financeiro às Igrejas-Mães é solicitado, e obtido, apenas para as atividades de vanguarda (campos missionários), ou para as necessidades relativas ao desenvolvimento e fortalecimento do trabalho, estando a carga da Igreja tôda a despesa de suas comunidades. As somas enviadas pela América são, aliás, consideráveis. Citemos, particularmente, a doação de 5.000 dólares, que apenas as Sociedades Femininas da Igreja Presbiteriana do Sul acabam de fazer às Igrejas brasileiras(17). O "Plano de Consolidação" estabelecido por estas para a grande campanha de extensão que deverá assinalar seu centenário (em 1959), prevê a coleta de um milhão e meio de cruzeiros para o Seminário de Recife, dos quais um milhão serão solicitados aos Estados Unidos, e da mesma soma para o *Puritano* e Sociedade Editôra, metade da qual será doada pelas Igrejas-Mães(18).

A Igreja Episcopal está ainda longe de poder dispensar, para o próprio trabalho paroquial,<sup>1</sup> os subsídios vindos do estrangeiro. Não se nota nela empenho num grande devotamento financeiro para o desenvolvimento de sua obra, da qual é encarregada sua "Sociedade Missionária": dos 309.110 cruzeiros que o Distrito do Centro, o mais rico, prometera a essa Sociedade, para 1950, apenas 73.653 foram enviados em primeiro de julho; a maior comunidade da denominação, a de Trindade em Pôrto-Alegre, havia desembolsado apenas 14.000 de um compromisso de 100.000(19).

(14). — *Estandarte Cristão*, 1-7-50 (tradução da versão francesa).

(15). — Vemos mesmo, presentemente, delinear-se entre a Igreja Presbiteriana Conservadora e os missionários "fundamentalistas" da "Junta Independente de Missões Presbiterianas Estrangeiras" laços que, esperamos, não ultrapassem a colaboração desejada por um pastor dessa denominação (*O Presbiteriano Conservador*, fevereiro de 1950).

(16). — Decisão da Comissão Executiva do Supremo Concílio (*O Puritano*, de 10-IV-1950).

(17). — Mesmo relatório.

(18). — *Norte Evangélico*, 15-6-50.

(19). — *Estandarte Cristão*, de 1-7-50. Um grande esforço missionário é, atualmente, objeto de atenção, principalmente com o encargo da Igreja da "Missão Bethesda", em Manaus: há vinte anos, mais ou menos, esta havia feito o pedido. Mesmo jornal, 15-5-50.

Também um dos bispos prevenia suas ovelhas contra uma satisfação prematura: "Devemos lembrar-nos, escrevia(20) que somos ainda distritos missionários, sob a jurisdição da Igreja-Mãe, e que continuaremos nesta posição enquanto não houvermos atingido nossa independência financeira".

Seria impossível passar em revista aqui, sob esse ponto de vista, a situação de tôdas as denominações brasileiras não estritamente nacionalistas. Bastará indicar, em remate, a da Igreja que nos parece ainda mais intimamente ligada à sua Missão estrangeira: a Igreja metodista episcopal. Situação tanto mais digna de nota pelo fato de se tratar de uma velha Igreja que parecia prometer, desde suas origens, atingir rapidamente seu sustento próprio, isto é, sua independência financeira. Desde a primeira Conferência anual (1885), seus ministros sustentavam que "a evangelização do Brasil dependia no final das contas, mais dos brasileiros convertidos que das missões mantidas pela Igreja-Mãe"(21). Sete anos mais tarde, o progresso da obra e a crescente generosidade dos fiéis faziam crêr que grande número de Igrejas se tornariam autônomas(22). Mas em 1919 a Conferência anual propunha, a fim de aumentar o zêlo da denominação, que fôsse fixado um prazo de cinco anos, findo o qual renunciaria ela aos subsídios estrangeiros que seriam empregados em novos campos de trabalho. "Esta proposta foi bem recebida por todos"(23), mas o lustro se passou, e muitos outros, sem que a finalidade fôsse atingida. Em 1947, o Secretariado das Missões, dependente do Concílio Regional do Norte, lastimava que as comunidades se houvessem desinteressado da campanha do "Dia da Autonomia", no mês de setembro: os pastores não haviam respondido a suas comunicações, e "salvo raras exceções, não haviam pedido a remessa de envelopes" para essa coleta especial(24). Ainda em nossos dias, a denominação está longe de atingir sua autonomia financeira, como lhe era lembrado recentemente, ao convidá-la a novos esforços(25). Não está longe dêsse ideal, entretanto, e poderia mesmo considerá-lo atingido, pois sua contribuição é bem

(20). — *Ibidem*, número de 1-3-50.

(21). — Kennedy, *Cinquenta anos de metodismo*, pág. 39.

(22). — Pág. 64.

(23). — Pág. 158.

(24). — *Atas e Documentos* dessa Assembléia, pág. 66.

(25). — Artigo do Rev. Almir dos Santos (*Expositor Cristão* de 29-6-50): "A Igreja precisa ser informada... que nós ainda dependemos muito da nossa Igreja-Mãe economicamente falando. Talvez não agrade ao brio indígena de muitos de nós publicar que ainda dependemos da Igreja-Mãe (a Igreja Metodista dos Estados Unidos) para sustento do ministério nacional. Dito mais claramente ainda, muitos pastores nacionais, especialmente aqueles que servem as Igrejas que não são de sustento próprio, têm no ordenado que recebem mensalmente da tesouraria regional uma quota que vem dos Estados Unidos. Não sei se farei bem em dizer ainda que nós os professores maiores da Faculdade de Teologia temos o nosso subsídio completado por verbas que vêm dos Estados Unidos."

superior às despesas de manutenção de seus ministros(26), de modo que os subsídios estrangeiros poderiam ser enviados apenas — como acontece com outras Igrejas — a postos, não secundários mas de necessidade menos imediata(27). O fato de serem êles divididos sôbre todos os artigos do orçamento ressalta, de maneira um pouco factícia e um pouco intencional, a necessidade em que a Igreja brasileira se encontra ainda da Missão. Um tanto intencional: para estimular a generosidade dos fiéis simplesmente? Sob essas considerações de cifras percebe-se algo mais — que é o móvel de todos os debates: a questão da independência da Igreja, cuja constituição administrativa e hierarquizada não permite exprôr claramente, com tôda publicidade da imprensa.

“Todo o trabalho organizado deve ser mantido pela Igreja Metodista Autônoma” declara o editorialista do *Expositor Cristão*(28), insinuando discretamente que assim poderia ser. “O auxílio que a Igreja Mãe nos possa prestar, acrescenta, deve ser aplicado no fortalecimento dos novos postos onde estabelecemos trabalhos” (o que constitui, sem que êle o diga, o regime da Igreja Presbiteriana). Quanto aos Colégios, que recebem muito dos Estados Unidos, encontrando aí o motivo dé continuarem a se proclamar “americanos” (isto não é dito mas, sem dúvida, subentendido, são êles “antigos e bem aquinhoados”: bem administrados, não teriam necessidade de subsídios. E o título do artigo denuncia tudo que essas sugestões encerram de voluntária discreção: “Autônomos, mas Dependentes”.

Bem menos discreta é a outra tendência, tal como se mani-

(26). — Eis os dados fornecidos pelas *Atas e Documentos* de três Concílios Regionais para as receitas e despesas do ano de 1949:

	Norte	Centro	Sul
	Cr\$	Cr\$	Cr\$
Recebido de orçamentos (das Igrejas) .....	369.984,40	461.910,10(*)	200.284,70
Rec. “Dia da Autonomia” .....	59.222,70	8.886,90	376,60
Pago Subsídios Pastorais ..	354.170,10	300.215,00	135.617,50(**)
Pago Pensionados (ou Caixa de Previdência) .....	—	119.420,70	33.365,10
Recebido da Missão .....	143.597,50	98.668,60	78.549,30

(\*) Para 3 trimestres.

(\*\*) Compreendendo alugueis das casas pastorais.

(27). — A proposta foi feita em dois editoriais do *Expositor Cristão* de 17 e 24 de outubro de 1950. “Hoje” — lemos no último — “contamos com bom número de paróquias de sustento próprio e levantamos o necessário para manutenção de todos os obreiros, mas ainda aplicamos boa soma do que nos vem da Igreja-Mãe no sustento ministerial! Seria muito mais honroso para nós calcular o quanto necessário para o sustento de todos os obreiros e dividir criteriosamente entre tôdas as paróquias do que receber uma certa importância para completar os subsídios dos pastores e depois contribuir muitas vêzes mais para missões e outros fins”.

(28). — Número de 24-8-50.

feita em determinado artigo(29) ou nos fatos. O observador estranho surpreende-se ao perceber — pelas fotografias do 6.º Concílio Geral, reunido em Pôrto-Alegre (na "Escola Americana") em fevereiro de 1950 — que êsse Concílio se reuniu sob as duas bandeiras, brasileira e norte-americana, unidas pela divisa "Em Cristo somos um", divisa que corria o risco de perder sua verdade geral para adquirir sentido um pouco mais preciso. Honraram o Concílio a presença do Secretário Geral da Junta de Missões e Extensão da Igreja Metodista dos Estados Unidos, de um "delegado fraternal" do Conselho de Bispos da Igreja Metodista dos Estados Unidos e da vice-presidente e "delegada fraternal" da Divisão de Senhoras da Junta de Missões e Extensão da Igreja Metodista dos Estados Unidos. O Concílio parece ter sido bastante agitado(30). Mas a vida continua na estreita simbiose das duas Igrejas do Brasil e dos Estados Unidos, simbiose de sentido um tanto singular se a julgarmos pela notícia que anuncia a próxima chegada, da América do Norte, ao Brasil, de "7 moços, 4 provisionados, 3 professores, 9 jovens professoras, missionários da categoria LA-3"(31). Àquêles que se escandalizassem demasiado com essa situação, lembráramos que dois têços dos religiosos católicos do Brasil dependem das casas-mães da Alemanha, França, Itália, Espanha, Holanda ou, também hoje, dos Estados Unidos.

Em suma, resta ainda, ao protestantismo brasileiro, muito a fazer para tornar-se inteiramente independente com relação às Igrejas-Mães, e poder aceitar delas uma colaboração que não seja, de maneira alguma, um contrôle e um vínculo. Compreende-se perfeitamente que a base desta autonomia absoluta deverá ser completa independência financeira, e em condições tais que essa independência não limite seu desenvolvimento, mas o mantenha e aumente. É possível atingir essa independência e tornar-se capaz tanto de pagar convenientemente seus pastores (e mesmo de aumentar seu recrutamento) quanto de aumentar seus campos missionários a ponto de rivalizar com os estrangeiros: bastar-lhe-á seguir, em

(29). — Artigo de Norberto Horst (*Expositor Cristão* de 9-2-50.): "Entristece-nos sobremaneira o fato de que estamos passando — por parte de poucos apaixonados — para um campo quase hostil ao trabalho dos missionários. Esta má compreensão, quando se generaliza, dá uma triste idéia de ignorância primitiva do "simemismo" do Brasil colônia. Uma idéia cega de "independência" como se houvesse algo de que se desligar". O que se segue é mais duro ainda para os "apregoadores da restauração nacional".

(30). — Ver o número de 16/23 de março de 1950 do *Expositor Cristão* dedicado a êsse Concílio.

(31). — *Expositor Cristão* de 10/17 de outubro de 1950. O mesmo jornal anuncia, em seu número de 20-7-50 que "miss Ida Belle Main, antes missionária na China, está pronta a vir para nosso país". Por onde se nota que o Brasil permanece sempre um país permutável com não importa que outro campo de missão entre os pagãos. É verdade que hoje existe um estágio de um ano, em Campinas, para os missionários de todas as denominações, afim de fazê-los seguir um curso de português (mesmo jornal de 5-1-50). As estatísticas apresentadas no último Concílio Geral Metodista dão uma porcentagem de 51 missionários para 113 pastores em atividade e 114 "provisionados" (*Expositor Cristão* de 16/23-3-50).

seu conjunto, o exemplo que já lhe dá grande número de suas comunidades, exemplo de um devotamento financeiro ao qual um observador estrangeiro tem apenas o direito de se referir, a tal ponto êsse devotamento é estranho aos fiéis do Velho Mundo.

Igrejas apegadas à Bíblia, como as do Brasil, deveriam aí encontrar a prática do dizimo, a dádiva de um décimo das rendas para a obra religiosa. Algumas dentre elas adotaram-no desde sua constituição e os Sinodos, a seu exemplo, recomendaram-no. A êle muitas comunidades da Igreja Independente deveram o fato de poderem constituir-se, manter-se e aumentar. Na Igreja Presbiteriana, o Presbitério de Minas fez, nos anos seguintes, magnífica experiência, que relatou na Assembléia Geral de 1912(32). Enviara um representante a fim de explicar, em tôdas as Igrejas, de casa em casa, as modalidades e vantagens do dizimo. Os fiéis, que até aí haviam permanecido insensíveis aos convites gerais feitos dos púlpitos, deixaram-se convencer pelas explicações e por um apêlo direto e pessoal: os recalcitrantes não atingiram 5% dos membros! Imediatamente o dizimo manifestou-se "uma grande benção para as Igrejas do Presbitério". Êste também solicitou a designação de um evangelista que se encarregasse dessa propaganda em tôda a denominação. Êste entusiasmo, naturalmente, não foi compartilhado por todos os fiéis, entre os quais continuou-se a encontrar, como sempre, muitos "crentes de tostão" que achavam que uma moeda de 400 réis era muito para a coleta dominical, trocando-a ao dirigirem-se para o culto(33). As Assembléias Gerais continuaram a recomendar o dizimo, e as comunidades, de boa vontade a tornar-se suas ardentes propagandistas, como a de Cajú (Rio) que participava à Assembléia de 1924 que, repentinamente, tôdas as suas dificuldades haviam desaparecido(34).

Êsse devotamento financeiro não desapareceu, como uma ilusão dos velhos tempos. Com respeito às Igrejas Presbiterianas Independentes, o histórico feito por ocasião do 40.º aniversário de sua fundação(35), em 1943, mostra-nos ser êle praticado mesmo por comunidades de cidade, como a Terceira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo e a jovem Igreja da Penha Circular, nos subúrbios do Rio(36). Muitos pastores são os primeiros a darem o exemplo, e numerosos presbitérios contam êsse "dizimo pastoral" como um dos artigos normais de suas rendas. A propaganda continua, e com sucesso. Os jornais religiosos apontam,

(32). — *Atas* (Campinas, 1914), pág. 38-39.

(33). — *Risum Teneatis?* pág. 26.

(34). — *Apêndices às Atas da Assembléia Geral de 1926*, pág. 6.

(35). — *No Estandarte* de 7 de janeiro de 1943.

(36). — Vale a pena ser transcrito o testemunho de alegria e reconhecimento desta comunidade (ib. pág. 53): "Os contribuintes sabem cumprir o seu dever e procuram o tesoureiro para entregar-lhe os dízimos e as ofertas. E assim vamos vivendo muito bem sem precisar fazer apelos nem campanhas financeiras. Os orçamentos feitos pelo Conselho têm sido cobertos e ultrapassados em muito. Para construirmos o nosso templo tomamos emprestados da Igreja do Rio 12 contos que já pagamos sem sacrifício, sem aperturas e sem alarde".

constantemente, comunidades religiosas tornadas “dizimistas”, como a Igreja Presbiteriana de Nova Iguaçu (Rio de Janeiro) “cheia de alegria e esperança” por ter podido, em sete meses de dízimo, fazer face a tôdas as suas despesas, contribuir com um décimo de suas rendas para as da organização central presbiteriana, e colocar de lado 25 contos de réis(37). Quando os fiéis se acham um pouco hesitantes, propõe-se uma pequena experiência de dízimos mensais: foi nestas condições que 40 membros da Igreja Metodista de Bangú, Distrito Federal, acabaram de aceitá-lo, pelo espaço de três meses(38): contando essa comunidade com 110 membros, é realmente uma boa proporção, que promete bons resultados, mesmo que haja, em seguida, abandonos. Em 1942, das 2.428 senhoras das Sociedades femininas da Igreja Presbiteriana Independente, 481 praticavam o dízimo, logo, a quinta parte(39), e a proporção deve valer, de um modo geral, para o conjunto da denominação. Lamentava-se, recentemente, no *Jornal Batista* (40), serem raras as comunidades dessa Igreja possuidoras de 60% de contribuintes regulares e 30% de “fiéis dizimistas”, mas mesmo esta proporção revela que o dízimo, lá também, tende a tornar-se a modalidade normal de contribuição dos crentes que desejam cumprir suas obrigações financeiras. Há, aliás, organizações eclesiásticas, que não facultam a escolha. O presbiterianismo do Norte faz dele uma obrigação para todos os membros professos, e em particular para os “oficiais”: o periódico *Norte Evangélico*, mantido pela “Missão do Brasil Norte”, americana, comentou(41) que isto significava voltar ao regime da Lei e que o devotamento financeiro não produzia frutos espirituais se não fôsse espontâneo, o que provocou enérgicos protestos do Sinodo Presbiteriano do Norte e, principalmente, do Presbitério da Paraíba e Rio Grande do Norte(42).

Bastaria, no final das contas, que o número dos “dizimistas” das Igrejas protestantes dobrasse, para que se conquistasse sua absoluta independência financeira: e este ideal não está, absolutamente, fora de propósito. O exemplo dos novos campos missionários e das novas denominações, populares, de que falaremos no capítulo seguinte, e que praticam a mais admirável liberalidade, mostra que está próximo o advento da época em que o protestantismo brasileiro não mais necessitará do dinheiro estrangeiro. Restar-lhe-á apenas, a fim de realizar completamente sua independência espiritual, que ele renuncie aos modos de pensar, sentir e agir que não lhe são próprios, para criar uma nova forma do protestantismo mundial, inspirado ao mesmo tempo nas circuns-

(37). — *O Puritano* de 10-3-1950.

(38). — *Expositor Cristão* de 20-7-50.

(39). — *Estandarte* de 7-1-43, pág. 35.

(40). — 20-7-50.

(41). — Artigos de 15-6, 1-7, e 15-9-1949.

(42). — *Puritano* de 10-3-50; *Norte Evangélico* de 15-4-50.

tâncias nacionais e na tradição, já quase centenária, que fundaram três e quatro gerações de fiéis e pastores brasileiros.

Parece que já lhe vem êsse desejo. Não encontramos sua prova nas reações um tanto vivas, e algumas vêzes injustas, contra o estrangeiro, mas em manifestações mais positivas. As Igrejas começam a preocupar-se com suas histórias e a perceberem que possuíram, em suas origens, grandes homens brasileiros como estrangeiros. As biografias que, aliás em pequeno número, versavam antes apenas sôbre anglo-saxões, valorizam, hoje, a figura e a obra de um Padre Conceição, de um Miguel Torres e — falando de um simples fiel, mas pioneiro e criador de Igrejas — de um Davi de Melo. Está em preparação uma História do Presbiterianismo que, inspirada no exemplo de Vicente Temudo Lessa, dedicará sua maior parte aos elementos locais. O *Jornal Batista* propunha, recentemente (43) a criação de um "Museu da história batista brasileira". É de se desejar que esta idéia seja aproveitada, e talvez enriquecida nas dimensões de todo o protestantismo nacional: em todo o caso, é bem desejável uma Sociedade da História do Protestantismo brasileiro. Num meio em que a concepção "professante" da Igreja permite seu abandono por aquêles que não sentem a fé que sentiram seus pais, é útil criar, de tôdas as maneiras, êste conhecimento e êste orgulho da tradição protestante familiar e nacional que, na Europa, fixa muitos espíritos inquietos e desanimados fazendo-os esperar, em sua Igreja, a hora de Deus. Esquece-se muito, no protestantismo, que a Igreja não possui uma única dimensão e que ela reside tanto na série das gerações, quanto na "comunhão dos irmãos" vivos no mesmo momento.

Outra prova da nacionalização espiritual do protestantismo brasileiro parece revelar-se naquilo que não ousamos ainda chamar sua arte religiosa, na arquitetura de seus templos. Mesmo sem percorrer êste imenso país, basta conhecer uma grande cidade e algumas localidades menores, e folhear alguns livros, para poder julgar. Durante muito tempo, tôda comunidade que se achava em condições de enfrentar os gastos queria possuir um templo gótico, com ogivas, contrafortes, florões e, sobretudo, torres. Torres sem sinos, mas com agulhas e, se possível, ameias. O desejo de se afirmar aos olhos da população não era estranho a isso, e também a reação contra as restrições, aliás bem mal observadas, da constituição de D. Pedro I, que proibia tôda a aparência de igreja às salas de culto protestante. Mas sobretudo, acreditamos, a nostalgia que os missionários norte-americanos sentiam de seus próprios santuários, frutos também da nostalgia que os missionários ingleses sentiram de suas capelas, únicas quase legitimamente góticas. Isto valeu, no Brasil, o templo metodista de Piracicaba (com ameias contra que inimigos?), a Igreja Metodista Central de São Paulo

---

(43). — Número de 15-6-50.

e muitas outras da mesma denominação, particularmente afetada pela nostalgia de que acabamos de falar. Mas a Igreja Unida (presbiteriana) de São Paulo é do mesmo estilo, como o será o grande templo por meio do qual a Primeira Igreja Presbiteriana Independente pretende rivalizar com as precedentes(44). Havia também, felizmente, os "prédios" sem pretensão, mais ou menos adaptados em "casas de oração", com suas pesadas cornijas post-coloniais, e as cabanas, tão comoventes, de táboas ou de páu a pique. Parece, vendo um número especial da revista de jovens da Igreja Metodista, que mesmo essa denominação se afasta de um "Tudor século XX" que lembrava, sobretudo, os sarcasmos de Mark Twain. E se algumas vêzes — por uma tendência verdadeiramente inveterada ao pastiche — copiam-se as bravatas arquitetônicas mais gratuitas (compreendendo Pampulha) vemos também elevarem-se belas construções simples, que não têm a pretensão de serem nada mais que casas de oração, bem adaptadas à sua finalidade, e cujo exterior se inspira discretamente no passado nacional, com ornatos e colunatas do tempo colonial ou algum detalhe de decoração manuelina.

**Os problemas  
eclesiásticos  
das velhas  
Igrejas.**

Duas tendências se exerceram ao mesmo tempo, em sentido contrário, sobre o terreno eclesiástico: uma visando à constituição de uma Igreja organizada, hierarquizada e administrativa, a outra à de uma igreja flexível, que se acomodasse a tôdas as diferenças locais e pessoais, preocupada sempre em fazer prevalecer o espírito sobre a instituição. Sob suas formas puras e numa forma de compromisso, essas duas tendências produziram, no Brasil como em todos os lugares — e teriam produzido mesmo sem o ensino das denominações estrangeiras(45) — três regimes eclesiásticos: o episcopal que favorece uma administração (e, por isso, uma direção) centralizada e totalitária; o congregacionista que, reconhecendo a autonomia de cada comunidade, deixa o govêrno a cargo de seus membros; o presbiteriano, de cujo govêrno se encarregam delegados das comunidades, unidas tôdas pelo laço federal de conselhos superpostos, Presbitérios e Sinodos. Vejamos o que constituem, ainda hoje essas tendências, e o que produziram, nas velhas Igrejas, os regimes eclesiásticos em que estas se organizaram.

(44). — Parece que esta eclosão de gótico protestante levou o clero católico a desejar "retomar seu patrimônio" sendo responsável, por isso, pelas lamentáveis construções feitas agora para suas matrizes e mesmo para suas catedrais.

(45). — É o que não se vê, talvez, muito freqüentemente, quando se incrimina a origem alógena das denominações importadas num país de missões. Elas não correspondem somente às circunstâncias históricas do país missionário, mas às disposições gerais do espírito — e os "nativos" teriam sido capazes de produzi-las, se não as tivessem recebido prontas.

A tendência à excessiva organização técnica — e por pouco diríamos a obsessão ou vertigem dessa organização — é, aqui, traço geral. Seria inútil indagar se há, neste caso, influência da civilização norte-americana, ou uma característica geral de todo continente americano, sem ação de uma parte sobre outra, e proveniente de uma certa adolescência cultural. Não é por simples imitação, mas por uma inaptidão um tanto pueril em distinguir o gesto de sua significação, a formalidade de sua utilidade, que muitos empregados, cujos pais talvez nem soubessem escrever, vos convidam gentilmente a assinar sobre uma certa linha como se, sob ela, a assinatura não tivesse valor. Não é, pois, de se admirar que haja excessiva administração para a administração, burocracia e formalismo na vida eclesiástica do protestantismo brasileiro.

Não nos surpreende que os jovens cultivem essa tendência: em todos os países eles se comprazem em regulamentar. Um Manual das Uniãos da Mocidade Presbiteriana é tão espantoso na sua meticulosidade administrativa e parlamentar, que constituiria excelente Guia do Secretário de Conselhos de Administração e de Comitês Políticos. As anárquicas Uniãos Cristãs francesas permaneceriam atônitas diante das instruções sobre o milímetro preciso no qual os Primeiros Secretários (ou os Segundos Secretários, os Secretários Correspondentes, ou, na falta destes, os Secretários de Registro) das U.M.P., devem começar suas cartas, naturalmente datilografadas: é verdade que o capítulo sobre os esportes (entre os quais se inclui o jogo da pulga) e sobre os campos, proporcionar-lhes-ia grande "gôzo", como dizem os cânticos. Um dos mais argutos observadores dos fatos protestantes critica essa tendência, escrevendo, com a severidade do amor paternal(46):

"Que valem tantos secretários e diretores, tantos impressos e papalames, tanta reunião, tanto relatório, tantas federações, tanta circular, se os sócios não se converterem a Cristo, se as UMP não evangelizam, se os moços não se santificam e as moças não se diferenciam do mundo, se as reuniões são fracas na assistência e no fervor espiritual? O nosso presidente reconheceu isto quando, há meses, escreveu ao tio: "Acredito em organização, mas em organização com vida espiritual abundante e transbordante. Às vezes a gente quase afunda no meio dos papéis e há o perigo diário de faltar alimento espiritual ou tempo para isto"... Tenho a impressão de que a máquina está ficando muito complicada..."

Esta impressão sentimo-la algumas vezes, mesmo fora do campo dos trabalhos da juventude — e, aliás, as críticas do Rev. Benjamim César provêm de uma concepção mais "européia" que "norte-americana" sobre esses trabalhos. Uma historietta do *Risum Teneatis?*(47) apresenta um "crente" conhecido pelo seu zelo em tô-

(46). — Rev. Benjamim César, artigo publicado em *Mocidade*, órgão das UMP (junho 1950) e reproduzido no *Estandarte* de 15-6-50.

(47). — Pág. 51 (Tradução da versão francesa).

das as atividades da igreja. No fim de um ano, não era mais visto, e o presidente da primeira assembléia geral da comunidade recebeu a seguinte petição:

“Ao Senhor Moderador e aos demais membros da Igreja de...

Fulano de tal, filho de fulano de tal, membro dessa igreja e assembléia, encontrando-se muito fatigado pelo serviço do Senhor, — dado o grande número de cultos, reuniões, escolas, coletas, visitas e outros trabalhos dos quais participa — requer respeitosamente aos irmãos um ano de licença durante o qual espera refazer-se do esgotamento em que se encontra, para, em seguida, retomar a vida religiosa como antigamente.

Pensa que isto será ato de justiça e misericórdia”.

Nenhuma resposta poderá ser dada, ajunte-se, pois o caso não é previsto pela Constituição da Igreja e seu Regulamento interno. *Se non é vero...*, uma tal carta é quase verossímil, e seu autor toma precauções para não ser eliminado por absentismo. Por outro lado era do melhor estilo administrativo e dirigida, parece, a quem de direito. Ora, estes são dois pontos importantes na prática eclesiástica — os professores do Seminário teológico de Campinas aprenderam-no à sua custa. A Comissão da Assembléia Geral Presbiteriana de 1920(48) propunha a aprovação do registro das deliberações dessa instituição, mas com as seguintes observações:

“Pág. 15, onde se lê “aos demos”, ler “aos demais”. Pág. 18 v., há uma entrelinha a lápis vermelho que deve ser salvaguardada. Pág. 19, encontra-se a expressão “INSTRUCCIONES IN DIVINITATE”, e pág. 20 v. “INSTRUCIONEIS DIVINITATE”: é necessário uniformisar”.

Insignificâncias que fazem pensar nos conselhos de Baden Powell a seus jovens companheiros da cavalaria, para que, em caso de visita do general-inspetor deixassem uma lanterna empoeirada, na cavalaria melhor tratada, a fim de dar-lhe o prazer de uma observação, sem o que ele partiria descontente, com a desagradável impressão de não haver cumprido seu dever. Mais surpreendente é ler, num relatório da Comissão executiva do Supremo Concílio: “Arquivar as observações do Rev. K. acêrca das fichas de rol dos membros da Igreja, por não terem vindo pelos canais competentes”(49). Mesmo que não se tratasse de um dos pastores e professores mais eminentes da denominação, a resposta teria sido um belo exemplo de formalismo burocrático(50).

Estes detalhes constituem insignificâncias na atividade administrativa da Igreja Presbiteriana, e poderíamos encontrar outros, como, por exemplo, a recente proposta de um presbitério sugerin-

(48). — Atas pág. 19.

(49). — Puritano de 25-4-50.

(50). — A citada Comissão executiva é obrigada, ao contrário, a recomendar às Igrejas a conservação de seus arquivos (Puritano de 25-3-50). E parece que o hábito das “cartas de transferência” nem sempre produz seu rendimento, pelo fato de haver negligências ou atrasos.

do "que se adote um modelo de carteira de identidade para os membros comungantes" (51): seriam indicadas, aí, as diversas etapas da carreira espiritual de seu possuidor? A Igreja Presbiteriana, entretanto, não é, de forma alguma, a mais "institucionalizada" do protestantismo brasileiro. Esta palma pertence à Igreja Episcopal e à Metodista episcopal. Deixemos de lado a primeira, que não teve, no Brasil, grande importância nem grande ambição (52), mas que representa aqui, conscienciosamente, os princípios eclesiais e litúrgicos sem o que o quadro da Reforma não seria completo (53): filha da Igreja da Inglaterra, tem direito à mesma organização.

A Igreja Metodista Episcopal evidencia, aqui como no mundo todo, um compromisso no qual o episcopalismo prevalece sobre o metodismo e onde os wesleyanos europeus de maneira alguma encontrariam suas tradições (54). Ao ler o relatório da atividade de seus órgãos centrais, no *Expositor Cristão*, sentimo-nos em face de uma grande administração na qual o regulamento e a hierarquia ocupam importante lugar. No que diz respeito à hierarquia basta ler as excusas lamentavelmente risíveis que apresenta um simples "provisionado" ao tratar, no órgão oficial, de assuntos reservados exclusivamente aos pastores diplomados e de primeira classe (55). Aliás, o pastor de uma grande comunidade (o vereador

(51). — Puritano de 10-5-50.

(52). — O bispo Melchior traça, no *Estandarte Cristão* de 1-3-50 um quadro que não deixa ilusões: 7.000 comungantes apenas e 20.000 crianças batizadas; a denominação praticamente não se desenvolveu fora dos Estados do Sul onde nasceu, e isso, diz o bispo, porque ela não "fêz bastante sacrifício de tempo, trabalho e dinheiro". É grave a constatação de que "muita de nossa gente é indiferente quanto à presença nos officios divinos", tratando-se de uma igreja onde estes devem ocupar lugar preponderante na piedade dos fiéis, e que procura fazê-los os mais belos e solenes quanto possível. Em todo seu distrito do Brasil Central, o bispo, em 1949, confirmou apenas 66 pessoas dos quais seis norte-americanos, que ele próprio levou à comunhão; logo, os 15 pastores do distrito apresentaram, em média 4 pessoas cada um deles, à confirmação. "A Igreja jamais crescerá dessa maneira" declara o bispo, pedindo a seus subordinados 200 confirmações para o ano de 1950. É justo acrescentar a essas constatações que a Igreja episcopal possui belo trabalho missionário entre os japoneses de São Paulo e Paraná.

(53). — Esta originalidade da Igreja episcopal consiste, diz o mesmo artigo, em manter-se "entre o cerimonialismo romano e o emocionalismo protestante". Pastores e dignitários da Igreja reivindicam, atualmente, seus direitos de prioridade histórica num esboço em que a supressão da cadeia católica romana (da qual nem se pode falar a protestantes brasileiros) se torna, às vezes, bastante surpreendente. O Rev. Orlando Batista queria remontar a origem de sua Igreja ao próprio São Paulo, que poderia ter ido à Inglaterra, se foi à Espanha (*Estandarte Cristão* de 1-6-50). Para o bispo George Upton Krischke (*Cristianismo*, outubro de 1950), "o Fundador da Igreja Episcopal Brasileira e, portanto (?), da Comunhão Anglicana, só podia ser o mesmo que, na qualidade de Rocha dos Séculos faz quase dois mil anos, fundou a Igreja Cristã, quando da Sua estada na terra, lá pelo ano 30 do nosso calendário".

(54). — Sentir-se-iam mais à vontade na Igreja Metodista Livre (*Free Methodist Church*), mas essa denominação, imoortada do Japão para o Brasil, possui aqui apenas algumas comunidades quase exclusivamente compostas de japoneses.

(55). — Esse traço impressionava, desde os primórdios da denominação no Brasil, o observador arguto que era João do Rio (*As religiões no Rio*, pág. 121): "O mais admirável entre os metodistas é o maquinismo, o funcionamento de sua igreja".

de que já falamos) expressa claramente quão pouco o indivíduo, pastor ou leigo, conta diante da hierarquia representante da Igreja, ao felicitar-se pelos poderes suplementares concedidos aos bispos pelo último Concílio Geral, com respeito à utilização de "seus" ministros(56): "Os senhores Bispos terão muito mais liberdade para movimentar os seus homens... Estamos começando a ver e a compreender que o homem é simples acidente na economia geral da Igreja; é a causa de Cristo que é permanente"(57). "Movimentar seus homens": isto se torna um jogo de xadrez. Somente aos bispos assiste o direito, parece, de falar como indivíduos, na primeira pessoa, e eles o usam num tom que, sem dúvida, admiraria os verdadeiros bispos(58). Encontramos "gabinetes" por toda parte e as mais ínfimas paróquias são dirigidas por um "gabinete pastoral". Quanto aos simples leigos, não é muito grande sua importância na marcha da Igreja, pelo que se viu no último Concílio Geral onde eles eram apenas 24 entre 48 pastores.

A essa máquina tão pesada podemos indagar de seu rendimento(59). Se tomássemos ao pé da letra os "votos" da "Comissão do Estado Geral da Igreja" de um Conselho Regional(60)

(56). — *Expositor Cristão* de 27-4-50.

(57). — *Expositor Cristão* de 16/23-3-50.

(58). — "Não me responsabilizo pelas respostas que eu porventura dê, às pressas, a consultas formuladas oralmente, em momentos de agitação e trabalho. Não posso reter na memória exatamente os termos em que tais consultas se fazem. Responsabilizo-me, sim, pelas respostas que dou por escrito a consultas formuladas também por escrito" (*Expositor Cristão* de 20-7-50).

(59). — As estatísticas fornecidas pelo último Concílio Geral (*Expositor Cristão* de 16/23-3-50) colocam a Igreja Metodista Episcopal no último lugar entre as grandes denominações brasileiras no que diz respeito ao número de seus membros professos, 34.888. O acréscimo é lento, pois os 11.388 membros recebidos por diversas maneiras, de 1945 a 1950, apresentam, em virtude dos falecimentos, saídas e exclusões, um ganho real de 5.310 membros em 5 anos. Ao contrário, as estatísticas referentes às escolas dominicais, sociedades, colégios e imprensa, acusam franco progresso, o que revela o caráter institucional da Igreja. Eis alguns dados sobre o ano de 1949 e (entre parêntese) sobre 1945: *Escolas Dominicais*: 544 (454); *alunos*, 39.577 (27.786). *Estabelecimentos de ensino*: *alunos*, 10.875 (9.486). *Imprensa*. *Expositor Cristão*, 4.447 assinantes; *Voz Missionária*, mensal, 34.202 (25.154); *Cruz de Malta*, mensal, para jovens, 11.100 (5.713); *Bem-Te-Vi*, mensal, para crianças, 12.722 (9.194); *O Conáculo*, mensal, de edificação, 13.200 (10.250).

(60). — *Atas e Documentos do Concílio Regional do Norte* (São Paulo, 1947), pág. 81: "Que os pastores assistam melhor os crentes, quanto ao trabalho de visitas, instruindo-se, por todos os modos existentes, sobre seu dever de melhor contribuir para a manutenção do ministério e das instituições da Igreja, instruindo-os nas doutrinas metodistas, a fim de evitar a passagem de muitos deles para outras denominações;

Que os pastores procurem entrar em contacto mais íntimo, através da visita sistemática e por qualquer outro meio, com os amigos do Evangelho, nos quais se incluem as famílias de crentes e, também, os estranhos à Igreja;

Que os pastores assistam a juventude metodista com a maior afeição, orientando-lhe as recreações e os divertimentos...

Que os pastores se esforcem por criar Sociedades metodistas de homens, em suas paróquias...

Que os pastores emprestem uma atenção especial a todas as cartas e circulares que recebam, referentes aos interesses da Igreja;

Que os pastores não somente leiam as *Regras Gerais*, mas promovam o seu estudo, por meio de aulas e sermões, insistindo sobre a necessidade de sua aplicação imediata;

seria bem baixo êsse estado geral. Tratava-se, é verdade, de 1947. Mas no início de 1950 era possível estabelecer, antes do 6.º Concílio Geral(61) o balanço das realizações propostas pelo 5.º em 1946: aumento em dôbro do número de membros (não realizado); criação de uma Universidade Evangélica Metodista do Brasil", cujo reitor havia até sido nomeado (não realizado); criação da Ordem das diaconizas (não realizado). Uma medida apenas havia sido executada: a nomeação de dois novos bispos, destinados a cada um dos três "distritos" brasileiros e transformando-se o mais antigo numa espécie de arcebispo. Sôbre êsse assunto, entretanto, o autor do artigo declarava:

"Dada a reconhecida consagração e dedicação dos três bispos da Igreja, seria interessante perguntar-lhes individualmente se, nestes quatro anos de experiência, êles acharam-se mais úteis e eficientes na superintendência do que anteriormente no pastorado. Nem uma estatística prova que a Igreja marchou mais rapidamente com três bispos do que anteriormente com um".

Ao contrário, "em quatro anos já se nota um bairrismo regional... Os bispos, receiosos de ultrapassar seus limites de jurisdição, acomodam suas visões ao seu quinhão de terra, e a Igreja não marcha com o mesmo passo unido". Um mês mais tarde, outro artigo, de outro autor(62):

"Menos legislação e mais evangelização... Menos métodos de trabalho e mais submissão à vontade divina. Mc Cheine disse: "Atualmente a Igreja não necessita tanto de praxes, organizações e métodos "discriminados e aperfeiçoados como necessita de homens que sejam instrumentos do Espírito Santo".

Após agitado Concílio Geral, alguns pastores fizeram, mais uma vez, o balanço de suas Igrejas. Deixando de lado as acusações sôbre a falta de zelo, fé, interêsse ou ortodoxia de uma parte de seus ministros(63), ou sôbre sua indisciplina — se bem que elas revelem a pouca eficácia do aparelho hierárquico e autoritário

---

Que os filhos de nossa Igreja recebam melhor e maior assistência intelectual, moral e espiritual...;

Que se organizem Caixas Beneficentes na Igreja, onde não existam ainda, e que se ponham em ação tôdas as fontes de assistência social em benefício dos indigentes, crentes ou não;

Que os "oficiais" das Igrejas façam todos os esforços possíveis, compatíveis com o Evangelho, para o levantamento integral das cotas contribuições, a fim de que os pastores tenham um salário razoável em relação às circunstâncias atuais..."

E êsses "votos" terminam por um que talvez devesse ser o primeiro: "fazer séries de conferências de evangelização em tôdas as paróquias, usando todos os meios e recursos para um completo êxito da conversão das almas".

(61). — Expositor Cristão de 5-1-50.

(62). — *Ibidem*, 2-1-50.

(63). — Expositor Cristão de 20-7, 10/17-8 e 14-9-50. Tomando-os ao pé da letra seríamos levados a acreditar numa grave crise do ministério metodista episcopal.

da denominação, que parece não fazer nada mais além de multiplicar as intrigas de bastidores — encaremos apenas os julgamentos gerais, feitos por altas personalidades da denominação. Seria impossível ser mais justo.

“Temos, — escreve um deles (64) — posto demasiada confiança no avanço educacional e ainda não vimos entre nós coisa parecida com os despertamentos de Gales, na Inglaterra e nem verificamos a presença de pregadores de porte de Moody e Sankey... Ainda não vimos fatos semelhantes porque não nos apropriamos da força principal usada por aqueles grandes servos de Deus, a oração, pondo nossa confiança num alicerce educacional e no amparo financeiro da Igreja-Mãe... Não será que alguns guias religiosos têm embargado o desenvolvimento desse espírito de oração? Não é verdade que temos tido receios de alguns que têm aparecido entre nós com o mesmo espírito...?”

O pastor da principal Igreja metodista de S. Paulo escrevia, pouco depois (65):

“Hoje talvez se atribua mais valia a um ministério descrente das doutrinas ou das afirmações das Sagradas Escrituras, aquelas que comumente se consideram ousadas, contanto porém que seja ministério submisso aos gabinetes, do que ao ministério que, vencendo cada dia, dignamente, as contingências várias da vida, acode às igrejas e é irreduzível em matéria de fé... Nunca uma autoridade pessoal e um livro de disciplina eclesiástica se sobreponham à Palavra de Deus. Em outras palavras, nunca os Cânones em lugar da Bíblia!”

Podemos confiar plenamente numa Igreja que sabe criticar-se a si mesma, e que possui essa liberdade. Entretanto, tais confissões não recomendam o sistema eclesiástico que lhe é próprio.

Oposto a esse sistema encontramos o regime congregacionista, próprio às Igrejas Congregacionais, às Igrejas Cristãs Evangélicas que, na sua maior parte, estão unidas às precedentes, e às Igrejas Batistas. Seus adversários criticam-no, freqüentemente, como falhos de armadura e disciplina, prestando-se à politicagem das numerosas assembléias eclesiásticas, incompetentes e prontas a se dividirem em partidos, ou à ditadura de pequenos grupos e famílias: destinados, em suma, aos cismas, ao fracionamento e a uma ação sem força. Vejamos o que produziram no Brasil, em suas duas principais denominações, as Igrejas Congregacionais e as Igrejas Batistas.

Relativamente aos congregacionistas, já nos referimos à extrema limitação dos meios com que iniciaram seu trabalho, não dispondo, à parte a fortuna de seu fundador, de nenhum apôio estrangeiro. Ora, esta denominação, nascida da atividade de um simples particular, possui, hoje, mais de cem igrejas ou congre-

(64). — Mesmo jornal, 20-7-50.

(65). — Mesmo jornal, 10/17-8-50.

gações, o que constitui o mais belo sucesso que o Brasil conheceu em matéria de obras individuais, antes do aparecimento e desenvolvimento dos pentecostais ("glórias"), de quem falaremos no capítulo seguinte. Esse sucesso, por outro lado, não o devem os tongregacionalistas a uma propaganda espetacular e a um proselitismo de reuniões públicas e controvérsias. É tradicional, nessa igreja (66), o cuidado que tinha o Dr. Kalley em não irritar a oposição provocando suas reações, o que evitou a esta muitos dos sofrimentos de que outras foram vítimas. Sem alarde, correndo mesmo o risco de ser esquecida (67), desenvolveu-se pela ação espontânea de suas comunidades, criando cada uma delas filiais que, no fim de certo tempo, se bastavam às suas necessidades (68). E, do mesmo modo por que esse movimento não é constituído pela aplicação de "planos" e realização de "campanhas", a atividade evangélica e missionária de cada comunidade é mais feita da ação dos fiéis como indivíduos que da igreja como tal. Compreende-se, assim, que o histórico da denominação se apresente sob o surpreendente título *Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense. Esboço histórico*. Foi, com efeito, devido, em grande parte, a iniciativas particulares dos membros e das "classes" dessa instituição, que esta denominação se desenvolveu. Como já dissemos, esta foi a que mais se preocupou com as missões em Portugal: sua obra missionária particular, a "Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal" possui, além disso, uma dezena de campos no Distrito Federal e nos Estados do Rio, São Paulo, Minas e Bahia. A missão possui um representante em cada comunidade, principalmente destinados a recolher fundos e desenvolver o espírito missionário "a principiar com as classes infantis da Escola Domini-

(66). — Em 1890, seu substituto na Igreja Fluminense, o Rev. João M. G. dos Santos, desaconselhava a seus fiéis assistirem a um culto ao ar livre, organizado pelo fogoso evangelista da Igreja, Salomão Ginsburg, ao tempo em que a Constituição provisória, que concedia a liberdade religiosa, ainda não fôra aprovada. *Um Judeu errante no Brasil*, pág. 50.

(67). — Foi o que aconteceu ao *Diretório Protestante no Brasil* do Pe. Rossi.

(68). — Eis alguns exemplos tomados ao *Esboço histórico*. A obra congregacionalista de Niterói (pág. 293-300), iniciada por volta de 1863 pela Igreja Fluminense, organiza-se como igreja independente em março de 1899 e inaugura seu templo em 1903. Início, pois, muito lento. Mas de 1919 a 1929, cinco de suas filiais se tornaram comunidades autônomas: Cabuçu e Subaio (1919), Magé (1924), Perobas (1925), Sete Pontas (1929). E o grupo possuía um número grande de congregações e pontos de pregação.

O trabalho iniciado em 1891 em Passa Três (Rio de Janeiro) (pág. 316-320), sempre por fiéis do Rio, se organiza em igreja em 1898; dois anos depois, já possuía nove congregações. Seu pastor se ocupou também, durante algum tempo, da igreja de Caçador (Rio Grande). Toda a região fronteira do Estado de São Paulo, dos dois lados, estava evangelizada por esse grupo.

No norte, um diácono da Igreja Fluminense, propagandista da Sociedade Bíblica Britânica, Manoel José da Silva, aproveitando-se de uma viagem a Recife, iniciou lá uma obra congregacionalista em 1868 (pág. 301), que foi organizada em igreja pelo próprio Dr. Kalley, em 1873. Em 1933 possuía nove igrejas filiais, que já haviam produzido outras, sem contar as congregações, e a denominação estava solidamente instalada em Pernambuco e Paraíba (pág. 301-313).

cal". Entretanto, ela especifica (e respeitamos as disposições tipográficas de sua informação) (69):

"O irmão que contribui PESSOALMENTE para a MISSÃO está auxiliando a distensão do reino de Deus no mundo. O Rev. Campelo costumava dizer que era preferível que uma Igreja desse Cr\$ 10,00 mensais para a missão, por meio de 10 irmãos, do que Cr\$ 100,00, saídos só diretamente da tesouraria. Ele achava, pela sua grande experiência, que CADA IRMÃO devia sentir o peso da responsabilidade individual na execução do "Ide por todo o mundo" de Jesus Cristo. Por isso é que a Missão, ainda hoje, prefere receber pequenas importâncias dos membros e congregados a grandes quantias saídas só e diretamente das igrejas".

Uma tal visão da igreja concede novamente ao indivíduo, ao cristão, a autonomia e a importância que a Reforma acabava de proporcionar-lhe, não importa o que pensem disso algumas de suas aberrações. Esse individualismo, sem dúvida, tem seus perigos, apontados anteriormente. Durante muitos anos (1911-1916) a própria Igreja Fluminense, mãe da denominação, esteve dividida em dois partidos, porque seu velho pastor Rev. João G. dos Santos não concordou com seu afastamento e substituição pelo escocês Alexander Telford(70). Alguns ministros se retiraram da organização, atraindo uma parte de seus fiéis, como aconteceu ao pastor de uma das comunidades de Recife, Rev. Layer, que passou para a denominação batista em 1922 (seus paroquianos que não o seguiram acabaram criando, em 1932, a Segunda Igreja Presbiteriana Independente dessa cidade) (71). Já nos referimos também ao cisma que sofreram, nesse mesmo ano, as Igrejas Evangélicas Cristãs, irmãs das Igrejas Congregacionais, antes de se unirem a elas, em 1942. Esta própria união (única realizada entre denominações brasileiras de certa importância), revelou outra vantagem do regime congregacionista: sua organização de conjunto, muito flexível, de simples federação de comunidades autônomas, permite-lhe receber todas aquelas que não queiram permanecer isoladas mas receiosas, ao mesmo tempo, de se submeterem a organismos superiores ou à pressão da maioria. A denominação, por esse motivo, herda facilmente trabalhos individuais que não podem mais contar com a proteção de seu fundador. Esse foi o caso, no início deste século, da obra episcopal independente criada em Santos pelo inglês Rev. Fitzgerald Holms(72) e, alguns anos mais tarde, da Igreja de Paranaguá e outras comunidades do Paraná, fundadas pelo negociante Samuel de Melo(73). Não é indiferente, tão pou-

(69). — Relatório de 1949, pág. 9.

(70). — *Esbôço histórico*, pág. 409-412.

(71). — *Estandarte* de 7-1-43, pág. 62.

(72). — *Esbôço histórico*, pág. 325-328; *O Cristão*, de 31-8-22 e 30-4-50; *O Estandarte* de 7-1-43, pág. 46 (a obra do Rev. Holms foi também a origem da Igreja Presbiteriana Independente de Santos).

(73). — *Esbôço histórico*, pág. 331-333. Uma parte de seus prosélitos passou para as igrejas batistas: *História dos Batistas do Brasil*, t. II, pág. 110 e 241.

co que a Igreja congregacionalista de São Paulo haja tido, como origem, um grupo de sírios, esboçada em 1909 e organizada em comunidade quatro anos mais tarde (74): preocupações étnicas haviam-nos induzido a constituir-se à parte; o cuidado com a estabilidade e independência de sua obra levou-os a aderir à mais moldável das denominações existentes; mas esta, atraindo fiéis de todas as origens, acabou por fazer daquela obra especializada uma verdadeira igreja.

Congregacionalistas na prática eclesiástica, as Igrejas batistas são, entre as velhas denominações protestantes do Brasil, as que mais se desenvolveram, e mais rapidamente. O seguinte quadro revela a importância e as etapas desse desenvolvimento:

	IGREJAS	MEMBROS	
1889 .....	8	312	
1895 .....	16	784	
1907 .....	83	4.201	
1910 .....	110	7.004	
1925 .....	324	30.000	
1935 .....	539	43.306	
1947 .....	873	84.512	
1949 .....	~	~	(75)

Uma elevação dessa espécie, ininterrupta, atrai a atenção do observador, e um pouco da inveja de outras igrejas menos favorecidas. Fala-se, algumas vezes, de inflação, de precipitação no recebimento à profissão de fé em certas comunidades batistas: elas perderiam, quando muito, por êsse motivo, seu caráter de igrejas de professantes, para desempenhar, na mesma medida, o papel de igrejas de multidão, lançando aos ares a mensagem evangélica para todos os ouvintes de boa vontade, e êsse papel, que é o da maior parte das organizações religiosas européias, não é de se desprezar. Criticam-se, também, algumas vezes, suas poucas exigências intelectuais e o caráter mais impressivo da pregação e (devido ao batismo de imersão) dos sacramentos, que convêm mais aos meios populares: são críticas superficiais, oriundas, aliás, de circunstâncias menos comuns hoje que no passado. A verdade parece ser a de que os batistas devem seu sucesso ao zelo ardente pela evangelização individual, à plena liberdade que seu regime eclesiástico concede a êsse proselitismo, e às facilidades que assegura tanto à formação de novas comunidades quanto à solução de suas dificuldades internas.

(74). — *Esbôço histórico*, pág. 320-324.

(75). — O Estado de São Paulo, exemplo de grande campo missionário batista, com mais de 50 anos contava, no fim de 1949, 145 igrejas da denominação com 81 pastores, 5 evangelistas e 14.000 membros professos, dos quais 1.121 recebidos naquele ano por batismo (*Batista Paulistano*, 5-50). Um campo missionário novo e reduzido como o de Paraíba do Norte possuía, na mesma data, 17 igrejas (com 15 congregações e 51 pontos de pregação) 5 pastores, 4 evangelistas, 1.125 membros professos, dos quais 212 batizados naquele ano (*Jornal Batista* de 9-3-50).

Contrariamente às denominações nas quais “o homem é simples acidente na economia geral da Igreja”, o indivíduo é a base das comunidades batistas, individualistas antes de serem congregacionalistas. Elas procuram o indivíduo para salvá-lo, fazem dele um propagandista de sua mensagem de salvação e lhe concedem direitos ao seu próprio governo que não é anulado por nenhum organismo superior.

Um missionário batista a quem se perguntou quantos evangelistas possuía em seu campo, respondeu: “Tantos quantos membros”. O Rev. Crabtree, por sua vez, escreveu a respeito da comunidade de Campos (Rio de Janeiro) em 1900: “Quase todos os membros da igreja exerciam o dom da prédica” (76), e esse proselitismo continua a ser, ainda em nossos dias, a grande força dos batistas e dos pentecostais que os imitaram (77). Esses prosélitos propagandistas, não eram estáveis, algumas vezes: de 1896 a 1900, o campo da Bahia, que realizara 438 batismos, contava com 140 exclusões e 90 cartas demissórias (78). Mas o número de suas igrejas havia dobrado!

Estas, de início, constituem, na denominação, apenas pequenos grupos, que em outra parte seriam considerados congregações. Tão logo haja alguns fiéis batizados em uma localidade, já se organizam em igreja autônoma, após exame e aprovação de seus conhecimentos religiosos feitos por delegados das igrejas vizinhas. Elegem seu pastor e, de acordo com ele dirigem sua comunidade — sem delegação nenhuma a um conselho — apenas através de suas assembleias gerais, reunidas cada vez que é necessário. Esta prática, também das igrejas congregacionalistas, comporta, naturalmente, todos os perigos do regime democrático integral, e antes de tudo a formação de partidos, as questões pessoais e um gosto pela política que vai, às vezes, à politicagem. Donde questões, dissensões e dissidências. Relatamos as principais delas, havidas entre missionários americanos e elementos nacionalistas. Não nos referimos, porém, aos conflitos puramente pessoais, com causas, algumas vezes, quase ridículas (79): os dois volumes da *História dos Batistas no Brasil* relatam muitos deles, com tal precisão e detalhe, que provam que os autores desse livro não viam nisso de-

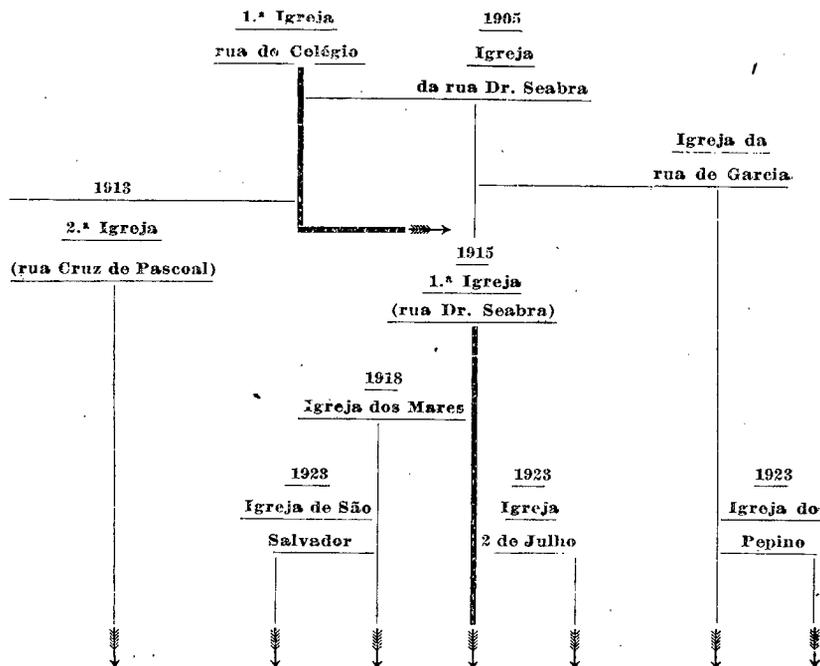
(76). — *História dos Batistas do Brasil*, t. I, pág. 178.

(77). — Artigo do Rev. Benjamim César, *Norte Evangélico* de 15-5-50.

(78). — *História dos Batistas*, t. I, pág. 160.

(79). — Já nos referimos às querelas da igreja de Maceió, sob o pastorado de Wandrejasil de Melo Lins, porque este se opunha ao casamento de sua criada com um de seus fiéis. Na Bahia, em 1913, o pastor Almeida Sobrinho “devido à sua qualidade de viúvo, não gostava de visitar, alegando que os maridos estavam fora de casa e não lhe convinha visitar famílias com o chefe ausente. Nisto devemos louvá-lo. Os diáconos, porém, insistiam em que ele visitasse à noite ou em momentos próprios. Irritaram-se os ânimos e A. Sobrinho, vendo as coisas mal paradas, começou a campanha para a formação de outra igreja onde não houvesse aquelas exigências”. E foi assim que se formou a igreja da rua Cruz de Pascoal: Almeida Sobrinho, que fora a causa dessa separação, não tomou sua direção declarando que queria ir aos Estados Unidos; a igreja, dissidente não subsistiu, por onde vemos que a causa desses cismas é puramente um simples pretexto.

feito a ser ocultado nem mal irremediável. Um deles, o Rev. Mesquita — é verdade que um dos antigos chefes do movimento separatista do Norte — explicou-se (80) claramente a este respeito, mostrando que essa crise, no final de contas, desenvolveu a obra batista, multiplicando as comunidades e, devido à emulação, seu zêlo. Vale a pena apresentar aqui a genealogia das sete igrejas batistas da Bahia, existentes na época da publicação da *História dos Batistas*:



Dessas sete igrejas, seis provieram de cismas (e a própria Primeira Igreja perdeu logo sua unidade, como nos revela o quadro, na sua primeira filial dissidente). Cismas que pareciam — per-

(80). — “Não obstante as dificuldades, no fim desse período havia aumentado consideravelmente o número de igrejas da Bahia e de todo o Norte, como consequência da atividade partidária”. “Em 1922, havia no Norte 121 igrejas cooperando com a Associação Batista Brasileira; em 1926, ... 168, entre as quais 70 cooperavam com essa Associação... Em matéria de finanças, as igrejas que se viram privadas do auxílio de Richmond aprenderam a contribuir para compensar esse auxílio... Se havia nelas amargura em muitos corações, havia, também, bastante atividade, e as igrejas de cada partido trabalhavam para levar a mensagem da vida eterna aos pecadores” (ibidem t. II, pág. 159). Em Recife, “o progresso de ambos os lados havia sido notável. Era uma luta de métodos e propaganda. Ninguém queria ficar para trás. Em todo o Estado, jamais se realizou tanto em um ano. Postas de lado as faltas de ambos os lados, lembramos o progresso do Evangelho como algo que deve permanecer para o futuro, nestes tristes dias do batismo pernambucano” (pág. 174).

correndo a história, impossível de transcreever aqui — verdadeiramente ocasionais e determinadas por motivos sobretudo pessoais. E as sete igrejas, no momento em que se escrevia a história, eram ativas, trabalhando intensamente cada uma delas, em seu quarteirão ou em seu bairro, para a obra evangélica e entendendo-se mutuamente, quando necessário, para cooperar. De modo que o cisma se revela aqui, o que é na realidade para o congregacionalismo integral das igrejas batistas: um processo regular de multiplicação por cissiparidade. Em outras denominações, o desenvolvimento da obra se faz por enxameamento pacífico ou replantação premeditada. Aqui, na maioria das vezes, é produto duma crise e duma ruptura que reúnem, separadamente, fiéis de uma mesma crença, um mesmo temperamento ou, simplesmente, de um mesmo quarteirão. Há, também, famílias nas quais a partida dos filhos adultos se faz tranqüilamente; outras em que parece impossível fazê-lo sem qualquer cena ou contenda passageira, geralmente terminadas com o primeiro nascimento no novo lar. Não se deduza, daqui, uma apologia do cisma local: em todo caso, é êle preferível às contendas mal disfarçadas que, em outros regimes eclesiásticos, envenenam e esterilizam, sob aparência de concórdia e unidade, a vida das comunidades.

O congregacionalismo integral, que favorece as dissidências na denominação batista, limita, também, sua gravidade e extensão. Poderia, entretanto, levar ao esfacelamento sem a presença de órgãos de ligação. São êles as Convenções regionais e a Convenção Nacional, reuniões temporárias de mensageiros das comunidades, e vimos como os adeptos do movimento do Norte insistiram vivamente sôbre êste ponto. É interessante, a êste respeito, percorrer os estatutos da convenção de Alagoas, estabelecida em 1921. O artigo 2 — após esclarecer que a finalidade do novo órgão era “a evangelização sistemática de todo o território da Convenção e o desenvolvimento da cooperação das igrejas no que diz respeito ao seu sustento próprio, às contribuições para as missões e para a educação cristã, e ao melhoramento das Escolas dominicais” — tem grande cuidado em acrescentar: “respeitando a soberania das igrejas e a igualdade de seus direitos umas com relação às outras”. Essa igualdade entre as comunidades era assegurada pelo artigo seguinte, que impedia às igrejas anulá-la pelo número de seus delegados: êstes deveriam ser eleitos na razão de um por 25 membros, sendo vedado às comunidades enviar mais de 25; uma emenda posterior insistia, ainda, no mesmo sentido, estabelecendo que êsses delegados, fixados de acôrdo com o número de fiéis, fôsem acompanhados por um representante de cada igreja, grande ou pequena. Naturalmente — e o vimos pela história do Movimento do Norte — conselhos como as Convenções e as comissões que se criam, tentam sempre transformar-se em órgãos de direção. Após a insurreição nortista foi necessário reconduzir a Conven-

ção do Distrito Federal a seu modesto papel(81). Basta percorrer o *Jornal Batista* para constatar que a denominação preservou sempre, a êste respeito, em suas disposições tradicionais. Foi invocando a impossibilidade de fazer com que as comunidades batistas apoiassem, individualmente, êste ou aquêle dos conselhos ecumênicos que atualmente se opõem, que as personalidades mais representativas da denominação recusaram tomar partido. E o recenseamento acaba de dar exemplo preciso da independência que conservam, ainda, os fiéis e as comunidades, relativamente a observações que, por maior que seja a autoridade de que provenham, não passam de recomendações. Após inúmeras discussões sôbre a maneira pela qual deveriam os batistas indicar sua religião, seu jornal publicou (em 29-6-50) a seguinte nota, emanada do próprio presidente de sua Convenção Nacional: "Cada batista membro de igreja declarará explicitamente: Evangélico-Batista, o mesmo podendo fazer todos quantos se reconheçam como batistas, embora ainda não filiados a uma igreja". Era a melhor solução, que correspondia, aliás, aos desejos da maioria. Mas o presidente escrevera "cada membro de igreja declarará" como se fôsse presidente do Concílio dos Bispos metodistas. E o jornal acrescentava: "Esta redação acaba de receber esta Nota, enviada pelo ilustre Presidente de nossa Convenção Nacional. Para ela chamamos a bondosa atenção de nossos leitores"(82). Estas duas palavras: "bondosa atenção" bastavam para recolocarem tôdas as coisas e tôdas as pessoas, em seus lugares.

No final das contas, um estudo da vida eclesiástica batista permite aprovar plenamente os dois julgamentos seguintes, emitidos por membros da denominação:

"A organização batista, que alguns consideram frouxa e indisciplinada, pode ter, às vezes, as suas desvantagens, mas estas estão supridas por uma iniciativa na organização de pontos de pregação, escolas dominicais e no evangelismo pessoal, aparentemente impossíveis a uma igreja controlada. Essa liberdade e iniciativa de uma igreja congregacional como a batista explica porque uma só igreja sustenta, fora da sede, cinco, vinte postos de evangelização regular. Conhecemos uma igreja no Distrito Federal que sustenta mais de quarenta dêstes pontos de pregação. Algumas dessas congregações se tornarão igrejas para aumentar o número nessa área, que já é de 66" (83).

E, a respeito do ponto mais delicado e controvertido dêsse regime:

"Sabemos divergir sem impetuosas divisões; mas quando a falta de afinidades nos aconselha a divisão ou separação de atividades, sabemos trabalhar cada qual no seu canto ou "lado" sem atritos, respeitando-nos e acatando-nos reciprocamente, e até, não raro, cooperando em certo sentido ou em determinadas fases do trabalho. O fato, pois, de existirem, em alguns casos, duas organizações ou convenções numa de-

(81). — História dos Batistas, t. II, pág. 212.

(82). — *Jornal Batista* de 29-6-50.

(83). — *Ibidem*, de 23-11-50.

terminada região (84) não significa, necessariamente, que estejamos separados ou divorciados quanto às finalidades de nossa fé" (85).

Entre o institucionalismo episcopal, com ou sem vestes talares, e o congregacionalismo individualista, as Igrejas presbiterianas constituem posição média, notavelmente organizada mas bastante difícil de se conservar.

Recente artigo sobre a Igreja Presbiteriana (aplicável, também, a suas filiais dissidentes) (86), define-a como "uma Igreja da Ordem e da Decência", "um organismo ideal, um corpo bem conjugado", "uma sociedade santa e veneranda, pelos seus princípios religiosos e cívicos, pelos seus órgãos administrativos, pela via prática de seus membros e pela sua disciplina interna e externa". "uma Igreja tradicionalmente famosa por seus valores espirituais, morais e intelectuais, pela sua honestidade, honradez e integridade". Tais apreciações de amor filial justificam-se plenamente, assim como a benevolência com a qual o autor do artigo se refere à feliz disposição da organização de sua Igreja, cujo "governo exercido pela totalidade de seus oficiais — os presbíteros docentes (*pastores*) e regentes (*mais comumente chamados presbíteros*) — se distribui em organismos representativos em escala ascendente (*Conselhos de igrejas, Presbitérios, Sinodos, Supremo Concílio*), avolumando-se e fortalecendo-se na extensão dos representados e valores dos representantes; formando tribunais eclesiásticos em ordem de instâncias jurisdicionais". Democracia, pois os presbíteros são eleitos, e também, por votos de diversos graus, os organismos superpostos, mas democracia prudente, na qual o "povo" (os crentes) dirige bem, em princípio, mas por intermédio de representantes, e na qual cada comunidade tem voz ativa, mas deve aceitar as decisões, tomadas pela maioria dos delegados das outras igrejas, nos conselhos superiores.

Outro artigo (87), colocando-se não mais sobre o terreno dos princípios, mas sobre o dos fatos, revela-se menos satisfeito. Vale a pena ser reproduzido em grande parte, como um dos melhores estudos recentemente publicados, sobre as denominações brasilei-

(84). — Trata-se, aqui, das regiões do Norte, onde numerosas igrejas são afiliadas à *Associação Batista*, criada durante o movimento anti-missionário. Há, por outro lado, igrejas batistas independentes na Bahia, Belo Horizonte, Macaé (Rio de Janeiro) e muitos postos no "Orebo Missionsforening" sueco no Rio Grande do Sul (Pôrto-Alegre, Rio Grande, Guarani). Vide Pe. Rossi, *Directorio Protestanté*, pág. 76, 90-91.

(85). — *Jornal Batista* de 20-7-50. Notamos também, no número de 13-4-50, a seguinte questão e sua resposta: "Como poderá a igreja proceder para admitir um membro que já pertenceu à Igreja Independente, revoltado contra a missão batista em nossa Pátria? — (Resposta): Uma Igreja Batista Independente, se professa a doutrina dos batistas, é uma Igreja batista como as outras... Por isso um batista independente pode ser recebido sem mais protocolos. É aconselhável, todavia, inquirir-se do referido irmão se está disposto a cooperar de coração em todos os planos e atividades da igreja a que pretende unir-se".

(86). — *Norte Evangélico* de 15-7-50.

(87). — Rev. Benjamim César in *Puritano* de 10-4-50.

ras. O autor parte do estudo das profissões de fé, recebidas em 1948, pela Igreja Presbiteriana, e apresenta a seguinte relação:

**SÍNODO MINAS-ESPÍRITO SANTO:**

Presbitério do Vale do Rio Doce .....	447	
Presbitério do Leste de Minas .....	431	
Presbitério de Vitória .....	229	
Presbitério de Itapemirim .....	168	
Presbitério de Campos .....	88	
<b>Total .....</b>		<b>1.363</b>

**SÍNODO SETENTRIONAL:**

Presbitério de Pernambuco .....	207	
Presbitério da Bahia-Sergipe .....	177	
Presbitério do Sul de Pernambuco .....	156	
Presbitério do Ceará-Amazonas .....	148	
Presbitério do Rio Grande do Norte .....	126	
<b>Total .....</b>		<b>814</b>

**SÍNODO MERIDIONAL:**

Presbitério de Sorocaba .....	210	
Presbitério de São Paulo .....	165	
Presbitério de Botucatú .....	120	
Presbitério do Sul .....	83	
Presbitério de Itapetininga .....	79	
Presbitério do Norte do Paraná .....	70	
<b>Total .....</b>		<b>727</b>

**SÍNODO CENTRAL:**

Presbitério do Rio de Janeiro .....	238	
Presbitério de Niterói .....	149	
Presbitério do Sul de Minas .....	133	
Presbitério do Leste Fluminense .....	110	
Presbitério do Oeste de Minas .....	97	
<b>Total .....</b>		<b>727</b>

**SÍNODO OESTE DO BRASIL:**

Presbitério de S. João Batista - Leste .....	86	
Presbitério de Campinas .....	83	
Presbitério de Araraquara .....	83	
Presbitério de Baurú .....	64	
Presbitério de Rio Claro .....	37	
<b>Total .....</b>		<b>353</b>

**Total geral .....** 3.984

Diante dessas cifras, o Rev. Benjamim César conclui: "Sem pessimismo, mas lidando com números, insisto em declarar que o crescimento da nossa Igreja está sendo lento". Deve ser citado todo o fim do artigo:

"Não se podem julgar os Presbitérios comparando-os uns com os outros. Alguns têm vastíssimos territórios, outros densa população; um deles tem área relativamente pequena e somente três ministros ativos e 11

igrejas. A análise desta estatística deve basear-se em outra ordem de considerações. O Sínodo Oeste do Brasil, o mais pobre de profissões, é, entretanto, constituído de presbitérios com igrejas de pastores eleitos, bem organizados, com facilidades de pregadores excelentes do mesmo Estado e do concurso de seminaristas, com templos magníficos, etc. etc. Notam-se Presbitérios com grandes e tradicionais igrejas, que deveriam apresentar número maior (Rio de Janeiro, 238; São Paulo, 165; Sul e Campinas, 83; Rio Claro, 37). Por que será que em Minas Oriental, nessa Minas intolerante, corrupta, clericalista, tem havido tantas conversões?

"Depois dos congregacionalistas, fomos os primeiros no Distrito Federal. Hoje, neste total de 100 igrejas, 69 templos, 103 pastores, 16.500 membros comungantes de tôdas as denominações, nós e eles, somos ali dos mais fracos. Contam-se no Rio de Janeiro 48 igrejas batistas contra 16 presbiterianas e destas, creio, são só duas grandes. Em todo o Brasil os presbiterianos perfazem um total de 59.497 (estatística de 1948) e os batistas, que entraram 22 anos depois de nós, alcançam 90.618 (estatística de 1947). (É verdade que com os independentes, separados de nós desde 1903, e os milhares dos campos missionários norte-americanos, devemos passar de 90.000; mas há, também, igrejas batistas que não estão incorporadas na Convenção Batista Brasileira).

"Reconheço que a igreja cresce, sim. Em 1916 contávamos 13.572 membros comungantes apenas! Em 1946 já tínhamos 55.468; presentlymente já devemos ter mais de 64.000, pois creio ter havido, no mínimo, 4.000 profissões em 1949 (88). Contudo, tendo em vista outras deno-

†

(88). — Estas previsões foram mais ou menos confirmadas pelas estatísticas oficiais fornecidas para o ano de 1949 (Puritano de 10-5-50):  
 5 Sínodos, 26 presbitérios, 336 igrejas, 108 congregações. 1.825 pontos de pregação; 273 pastores, 90 estudantes de teologia, 12 evangelistas, 3 propagandistas; 1.325 presbíteros, 1.239 diáconos.

**MEMBROS COMUNGANTES**

Ganhos	Excluídos		
Profissões de fé (pro-sélitos) .....	2.936	Mortos .....	436
Confirmações (de bati-zados) .....	1.452	Ordenações ao ministé-rio .....	8
Vindos de outras deno-minações .....	219	Transferências para ou-tras denominações ...	112
Readmissões de ex-cluídos .....	114	Exclusões ou partidas	535
		Total.....	1.118
Total....	4.721		63.136

**MEMBROS NÃO COMUNGANTES (JOVENS)**

Ganhos	Excluídos		
Batismos de crian-ças .....	3.916	Mortos .....	142
		Admitidos à confirma-ção .....	943
		Tornados maiores sem receber a confirmação	240
		Total.....	1.325
			53.353

**Escolas dominicais:** 996; professores e oficiais 6.829; alunos 69.132.  
**Sociedades:** de senhoras ..... 441 com 16.375 membros;  
 de jovens ..... 347 com 11.579 membros;  
 infantis ..... 184 com 5.864 membros;  
 missionárias ..... 71 com 2.073 membros;  
 beneficentes ..... 16 com 744 membros;  
 outras ..... 105 com 2.919 membros.  
 629 templos, capelas, salas; 113 presbitérios; valor total das pro-priedades, Cr\$ 82.921.300,00. Movimento financeiro do ano: Cr\$ 15.203.211,60.

Estas cifras se referem apenas ao movimento da Igreja Presbite-riana brasileira. Seria necessário juntar a elas — para se obter o to-

minações, como a batista e a pentecostal (já está ultrapassando a batista), apesar da inconsistência de que se alega sofrerem muitos dos seus trabalhos, bem assim os respeitáveis recursos da Igreja em homens de valor, em propriedades e em dinheiro, e ainda a sua idade e suas tradições, devemos humildemente confessar que êsse aumento não é aquêle que se está desejando nesta campanha do Centenário, para cujo término (1959) o Presidente do Supremo Concílio propõe um alvo de 200.000 membros comungantes. Ninguém nega que está havendo um marasmo para desanimar, em vasta região de nossa Igreja. Muitas igrejas se contentam em verificar, no fim do ano, apenas o mesmo número de membros do ano anterior. No total de profissões, nas mesmas, é raro figurarem as de conversões de elementos fora da igreja”.

As próprias comparações, feitas pelo Rev. César, parecem colocar-nos no caminho de uma resposta às questões que êle propõe. Relativamente ao confronto entre os resultados obtidos pelas Igrejas presbiteriana e batista, êle próprio indica, em outros estudos, que a fôrça destas reside em seu zêlo evangelizador. Ora, êste é devido, em grande parte, ao fato de que todo o fiel se sente, aqui, co-diretor de sua comunidade e responsável por seu trabalho e seu sucesso. O regime presbiteriano é o da delegação: delegação de direitos e, conseqüência natural no espírito de muitos fiéis, delegação de deveres. Pertencendo ao “presbítero docente” — o pastor — o papel de ensinar, ao “presbítero regente” o de dirigir, resta ao simples “crente” o de escutar, de votar de tempos em tempos, de concordar com o que dizem ou fazem os responsáveis e de não se envolver com a evangelização, a mênos que se tenha deixado incluir numa comissão especializada nessa atividade — e há muitas outras, mais modestas, menos sacrificadas e, sem dúvida, também necessárias e meritórias, já que possuem diretorias completas. Num organismo bem regulado cada um deve saber permanecer em seu lugar, mesmo que êste seja tranqüilo e sem grandes exigências. O Rev. Benjamim César denuncia essa característica, em outro artigo a que já nos referimos, sôbre as Uniões da Mocidade Presbiteriana. Depois de criticar seu espírito burocrático e papelista, acrescenta:

“O segundo perigo é muita gente supor que UMP nada tem de ver com a salvação dos sócios. Aquela existe, julgam, para divertir os moços, afastá-los da influência da incredulidade e do mundo, atraí-los à amizade dos jovens crentes e, talvez, à Igreja. Evangelizar diretamente, conseguir conversão e profissão é tarefa do pastor, dos evangelistas, da Igreja, e não de uma sociedade de jovens. Se os sócios e amigos assistem às sessões da União e não da Igreja, não há motivo para tristeza...”

---

tal da denominação — as referentes às três Missões norte-americanas (Norte, Centro e Sul do Brasil) que trabalham a seu lado. Eis as da “Central Brazil Mission” (Puritano de 25-5-50): 11 igrejas, 21 congregações, 263 pontos de pregação; missionários: 15 ordenados, 6 leigos, 14 senhoras; 23 presbíteros, 19 diáconos, 2.569 membros comungantes (dos quais 212 professos, 38 confirmados, 4 readmitidos, no ano corrente); 1.362 não comungantes (dos quais 233 batizados no ano corrente); 84 escolas dominicais com 2.377 alunos.

Mas o presbiterianismo não é sòmente, como certo regime político do passado, uma “boa máquina que marcha sòzinha, sem que nos tenhamos de ocupar com o que constitui seu trabalho”. Acontece que essa máquina se desconserta, como acontece a tôdas as máquinas muito engenhosas e delicadas. Possui ela, como elemento básico, a cooperação das duas espécies de presbíteros: os docentes e os regentes. Ora, a história de tôdas as Igrejas calvinistas conhece, em todo o mundo, as lutas entre pastores e “antigos” leigos(89). Elas existem também nas comunidades brasileiras. Certo pastor as considera, mesmo, inevitáveis, enquanto os presbíteros leigos não tiverem alcançado, por uma instrução e preparação apropriadas, o nível de suas prerrogativas(90):

“Se não se cuidar do preparo dos leigos para a obra eclesiástica, que poderão fazer os ministros com seus diplomas conquistados após anos e anos de aturados estudos? E o pior é que será sempre inevitável o choque, no govêrno das igrejas, entre ministros e presbíteros. Para igualdade nos direitos e privilégios, se requer, também, certa igualdade na cultura intelectual, moral e espiritual”.

Uma declaração dessa espécie é bastante grave, pois não está isenta de clericalismo. O pastor em questão estava, sem dúvida, inquieto com a última reunião de um dos Presbitérios de sua Igreja, o de Sorocaba, cujo elemento leigo constituia a maioria de dois terços (10 pastores e 2 provisionados para 32 presbíteros titulares e dois suplentes) (91). É verdade que o regime presbiteriano pode ser desnaturado pela escassez ou ausência completa de presbíteros leigos. Quando há um apenas em uma comunidade, é-lhe fácil, em caso de desinteligência com o pastor, contrapôr-se a tôda sua atividade religiosa(92). Por outro lado, se a igreja não possui presbíteros, o pastor será seu único senhor; êste caso apresentou-se nesse mesmo presbitério da Sorocabana, onde havia inúmeros presbíteros; e em que, muitas de suas comunidades não puderam enviar delegados leigos “porque algumas não têm presbíteros”(93).

O delicado sistema de ligação entre as Igrejas, também, nem sempre funciona perfeitamente. O presbiteriano brasileiro é presbiteriano a ponto de interessar-se apenas pelos órgãos em que haja presbíteros, isto é, os Conselhos de igrejas e os Presbitérios. Êstes são o escalão principal, em que se organiza a vida das igrejas, de que dependem os pastores e estudantes de teologia, que envia ês-

(89). — Ver, principalmente, nossa *Histoire Ecclesiastique des protestants français au XVIIIe. siècle* (Paris, 1940).

(90). — *O Estandarte* de 31-5-50.

(91). — *Ibidem*.

(92). — O caso se apresentou em 1920 na Igreja Presbiteriana de Pinheiros, em São Paulo. O único presbítero dessa comunidade opunha-se a que ela lhe nomeasse um colega; o Presbitério de São Paulo nada viu de ilegal nessa atitude, pois o caso não era previsto no Livro de Ordem! O pastor foi obrigado a recorrer à Assembléa Geral contra essa “autocracia”: *Atas da Assembléa Geral de 1920*, pág. 88.

(93). — *Estandarte*, mesmo número.

tes últimos aos Seminários, mantêm-nos lá e, uma vez diplomados, julga suas concepções, teológicas e suas aptidões pastorais antes de admiti-los definitivamente ao ministério. As decisões dos Sinodos e daquilo que, na Europa, chamaríamos Sinodo Nacional (aqui Supremo Concílio), na realidade apenas são aplicadas quando os Presbitérios consideram conveniente. Os Sinodos, aliás, desempenham um modesto papel de tribunal ou de transmissão. Quanto ao Supremo Concílio e à Comissão Executiva, que assegura sua continuidade durante os intervalos das sessões, os Presbitérios "estudam com cuidado suas decisões para opor-lhes, desde que necessário, uma objeção de inconstitucionalidade". Frequentemente se contentam, assim como as igrejas, em não tomá-las em consideração. A Assembléia Geral de 1924, queixava-se do fato dos conselhos inferiores preocuparem-se com a contribuição *per capita* estabelecida para o conjunto da denominação "como se tivesse sido decidida para a China", taxando esta falta de disciplina de "congregacionalismo disfarçado"(94). Os presbitérios deveriam entregar o dízimo de suas rendas à organização central, para o Supremo Concílio, suas comissões e juntas: muitos dentre eles subtraíram-se a isso e protestavam (como o de Minas-Oeste). A comissão executiva restava apenas exprimir seu descontentamento(95). Sem grande resultado, aliás, pois no início de 1950, quase 200 igrejas, entre as 336 que compõem a denominação, continuavam a não entregar êsse dízimo(96).

Há aqui, com efeito, uma reação das igrejas e dos Presbitérios contra uma centralização que consideram, com razão, perigosa e contrária às suas tradições, a qual lhes valeu modificações em sua constituição e contra as quais não cessaram de protestar. Em julho de 1949, o Sinodo do Norte requeria ao Supremo Concílio, que deveria reunir-se no ano seguinte, para que se reconsiderasse essas reformas, "que, no temor do Senhor, não se deixe levar pelos pruridos ditatoriais que perturbaram a paz das igrejas quando da primeira reforma da Constituição e que nos deixaram em situação quase caótica, por ser impraticável a constituição que nos foi imposta"(97). O novo projeto de constituição proposto pelo organismo central, aliás, não satisfez a oposição, e foi vivamente atacado por um dos representantes desta nas igrejas do Norte, A. Teixeira Gueiros(98). Levantaram-se discussões doutrinárias, de que falaremos, tendo-se tratado, nessas igrejas, de requerer a criação de um Supremo Concílio particular para o Brasil Setentrional. Iniciou-se assim, no presbiterianismo, campanha semelhante ao Movimento do Norte que agitou, há trinta anos atrás, como dissemos, as igrejas batistas.

(94). — Apêndices às atas, pág. 57.

(95). — Puritano de 25-3-50.

(96). — Mesmo jornal de 25-1-50.

(97). — Mesmo jornal de 10-3-50.

(98). — Série de artigos no Norte Evangélico, 1.º semestre de 1950.

Encarando um pouco mais de perto esses debates, poderíamos pensar que se trata, sobretudo, do eterno conflito entre o protestantismo rural, orgulhoso, se assim podemos dizer, de seu direito de primogenitura, e um protestantismo urbano, seguro de suas vantagens de centralização e organização, e dos talentos particularmente aparentes de que dispõe. As capitais e os ilustres das capitais pretenderam sempre tomar a direção das Igrejas — e não podemos afirmar que isto tenha sempre concorrido para o seu bem (o exemplo da França nos levaria mesmo a ser mais severos): é natural, e auspicioso, que os Presbitérios das regiões rurais reajam. Veremos que foi um dos aspectos da “questão doutrinária” que agitou a Igreja Presbiteriana Independente, há dez anos atrás. Entretanto, mais que esse conflito de natureza geográfica e sociológica, o marasmo denunciado pelo Rev. Benjamim César parece revelar outro problema — sugerido, aliás, pela segunda comparação que ele faz — desta vez no interior do presbiterianismo, entre os Presbitérios conquistadores e os que não o são. Basta considerar os nomes que ele cita para se notar que estes últimos são os das velhas regiões protestantes, ao passo que os primeiros se encontram em lugares que acabam de se abrir à Reforma. O marasmo que ele assinala é o de um protestantismo já velho e cansado, e o observador estrangeiro poderá, com maior conhecimento, reconhecer aqui os males que conhece em seu próprio país: emperramento da máquina eclesiástica, discussões teológicas e tentações da unidade formal e da instituição.

Vimos as primeiras, passemos às outras. Mas não sem assinalar, de maneira geral, que pelo fato de serem manifestações, não digamos da idade, mas da maturidade, possuem duas outras características essenciais: sua origem se encontra nos meios intelectuais, e são fortemente influenciadas por correntes de pensamento não brasileiras. Um estrangeiro não ousaria exprimir-se tão claramente se não se soubesse estar de acôrdo com observadores do país. Com relação à influência de um certo intelectualismo, outro artigo do Rev. Benjamim César concita a acutelarmo-nos contra isso(99).

Quanto à adoção um tanto precipitada dos problemas, das instituições, e dos modos estrangeiros, citemos a observação feita, de maneira geral, por Vivaldo Coaracy(100): “O nosso grande êrro é um êrro de asincronismo, de deslocamento de frases e consiste em quereremos aplicar a essas situações (*brasileiras*) as soluções que a Europa experimenta hoje para os aspectos atuais de problemas análogos” (A Europa e os Estados Unidos). O velho protestantismo europeu está na idade da teologia; o velho protestantismo norte-americano está na idade do medo e da organiza-

(99). — O Puritano de 29-7-1950.

(100). — Problemas nacionais, pág. 155.

ção defensiva. É perfeitamente natural que esta fração do protestantismo brasileiro que chamamos “velho protestantismo brasileiro”, sinta de maneira igual e possua os mesmos problemas — mas êstes sentimentos e êstes problemas são estranhos ao resto do evangelismo nacional.

**Os problemas teológicos do “velho protestantismo brasileiro”.**

O envelhecimento de que falamos, e os problemas que êle acarretou, manifestaram-se em primeiro lugar, como era natural, na mais evoluída das denominações brasileiras, na que dera, em primeiro lugar, o passo necessário da ruptura com as organizações americanas e que, a seguir, fizera suas experiências eclesiásticas em ritmo extremamente rápido: a Igreja Presbiteriana Independente. “Em poucos anos — escreveu-se recentemente (101) — tornou-se ela a nata intelectual do protestantismo brasileiro”. Essa foi, em grande parte, a nobre origem da crise severa pela qual ela passou.

Há igrejas calmas, se assim podemos dizer, que se desenvolvem normalmente e realizam sua missão sem que as preocupe problema algum. Como a Igreja Independente pôde ser desse tipo, ela que nasceu da meditação de problemas eclesiásticos e espirituais? Seu fundador de modo algum lhe dera o exemplo, não sendo absolutamente um homem sem combatividade. Vimos que êsse grande lutador, fatigado da luta, no fim de sua vida aceitara com a maior boa vontade algumas dessas concepções norte-americanas que denunciara — e acabou por desinteressar-se das questões relativas à igreja, refugiando-se na esperança dos últimos tempos. Junto dêle, e após êle, sua denominação manifestava a mesma fadiga. Seu amigo, o pacífico Temudo Lessa, escrevia então: “A Igreja Independente sofre de pequenas desinteligências e malentendidos entre seus dirigentes; isto não pode continuar sem grande ofensa e grande prejuízo para a causa em que nos empenhamos de corpo e alma”. É ainda: “Perdemos um tempo enorme a nos imiscuirmos na vida das outras denominações, em discussões estéreis, onde se vê o maldito homem velho que quer pegar êste ou aquêle pela garganta. Cessem as inimizades, os rancores, as rivalidades em nossos campos” (102).

Os combatentes que abandonam a luta se tornam, muitas vezes, pacifistas. Quando os motivos determinantes da Igreja Presbiteriana Independente, verdadeiramente estreitos, revelaram-se como tais aos velhos lutadores fatigados, e mais ainda à sua velha geração, e quando se viu a Igreja presbiteriana adotar, em grande parte, os pontos de vista que antes rejeitara, muitos independentes julgaram terminado o papel de sua denominação.

(101). — P. L. Rizzo, in *Unitas*, outubro de 1950, pág. 498.

(102). — *Estandarte* de 17-6 e 20-12-23.

Nela tudo ia mal, após princípios triunfantes(103). Ao se iniciar, com o afastamento e a morte de Carlos Pereira, por volta de 1922-1923, êsse período de depressão, a denominação possuía em caixa um saldo de 90 contos de réis: em 1933 encontrava-se em presença de um *deficit* de 115 contos, embora as coletas anuais de 31 de julho (data da fundação da Igreja), durante essa década, tivessem reunido um total de 2.100. Em janeiro de 1933 a tesouraria ainda estava por pagar aos pastores seus vencimentos do mês de outubro precedente: daí resultavam as queixas, profissões duplas, abandonos do ministério e mesmo recursos aos tribunais. Tudo era estudado, submetido a reforma, e tôdas as reformas falhavam. A denominação, constituída por um líder, e a seu lado, estava fortemente centralizada. Desaparecido êste, pensou-se em dar-lhe novo estatuto; em 1922 uma comissão foi encarregada da emenda do *Livro da Ordem*. Antes mesmo que fôsse terminado o trabalho, procedia-se a uma descentralização que, em 1927, concedia autonomia administrativa e financeira aos Presbitérios. Os resultados pareceram pouco satisfatórios e o novo código *Constituição e Ordem* restabelecia a centralização: desde o ano seguinte, a necessidade de estimular o devotamento financeiro dos Presbitérios, levou-os a restituir-lhes sua independência (em 1934 foram elevados de quatro a seis, pela criação dos da Sorocabana e da Noroeste). Surgiu o problema da liturgia, e foi nomeada uma comissão a fim de reformar o antigo *Manual do Culto*: em 1946 foi aprovado um novo *Manual de Ofícios religiosos*, que dez anos mais tarde ainda não havia sido impresso. O velho órgão oficial da denominação, *O Estandarte*, não satisfazia mais aos novos elementos: o Sinodo de 1926 quis mudar sua orientação tomando-o a seu cargo. Os redatores recusaram-se a isso, e o Sinodo de 1927 criou a *Semana Evangélica* como jornal oficial da Igreja (que desapareceu em 1929), quando *O Estandarte* consentiu, finalmente, em se colocar à disposição do Sinodo, que se tornou seu proprietário em 1932.

Tais experiências serviam para atenuar o ardente denominacionalismo da Igreja Independente. Indo mais longe, alguns de seus jovens membros mais eminentes começaram a insurgir-se contra o denominacionalismo em si mesmo. Era êste, aliás, o momento entre as duas guerras da Europa, em que o mundo cristão se deixava levar pelo sonho da realização do Reino de Deus sôbre a terra, à força da boa vontade humana. Boa vontade mais que clareza de espírito e sabedoria. A tendência fusionista ou o confusionismo eclesiástico que se manifestou, então, na cristandade — tendência da qual o Congresso do Panamá fôra uma das primeiras manifestações — e que favoreceu uma concepção bem norte-

(103). — Seguimos, aqui, o histórico extremamente preciso, dado pelo *Estandarte* de 7-1-43.

americana da religião, poderia muito menos poupar a América Latina. Dissemos que Carlos Pereira fôra dominado pela idéia de um Seminário único para tôdas as denominações protestantes do Brasil, colocando o de sua Igreja em disponibilidade durante quatro anos, à espera da realização da obra comum. Em 1922, ante a falha dêsse projeto de colaboração, o Seminário Independente foi reorganizado, partilhando, entretanto, das dificuldades e perturbações da Igreja; em 1930 o Sinodo sentiu-se satisfeito em poder enviar seus quatro estudantes e um professor ao Rio, para um estabelecimento comum que acabava de ser fundado, desembaraçando-se, assim, de pesada carga financeira para número tão reduzido de alunos. Aproveitou — dadas suas dificuldades financeiras, como vimos, — para alugar a um colégio os belos edifícios da rua Visconde de Ouro Preto, com que Carlos Pereira dotara o Seminário então suprimido. Na realidade, a Faculdade comum do Rio foi um fracasso, em parte, como vimos, devido à oposição da Igreja Presbiteriana, mais perspicaz que sua filha: a Igreja Independente. Esta, desde 1933, foi obrigada a retomar seu professor e seus estudantes. Não possuindo mais um local onde recebê-los, levou-os durante anos daqui para acolá, o que não poderia dar prestígio à instituição ou criar atrativos que pusessem fim à crise de vocações pastorais de que sofria a denominação.

A lição não fôra suficiente. Depois de dez anos os “anti-denominacionalistas”, particularmente numerosos nas Igrejas Independente e Metodista, trabalhavam a fim de utilizar, para seus fins, uma obra modesta mas útilmente interdenominacional, cuja origem remontava, também, ao Congresso do Panamá: a “Comissão Brasileira de Cooperação”, filiada a um *Committee on Cooperation in Latin America* com sede em Nova York (104). Fundada em 1920, e reunindo representantes das Missões estrangeiras, das Sociedades bíblicas, da A.C.M., da União das Escolas Dominicais e das Igrejas presbiteriana, metodista, presbiteriana independente, episcopal e congregacionalista, (105) não passava, de acôrdo com sua declaração de princípios, de um órgão de ligação entre os trabalhos evangélicos no Brasil e o *Committee on Cooperation*: pelo menos apresentava-se, caso lhe fôsse pedido, como tribunal de arbitrios para as dificuldades interdenominacionais levadas perante ela. As subcomissões que criara eram destinadas a trabalhos práticos, publicação de literatura evangélica, estatística e informação, serviço médico missionário, trabalhos entre os índios. Patrocinava

(104). — Ver, a êste respeito, principalmente as *Atas da Assembléa Geral Presbiteriana de 1920*, pág. 36, e a notícia publicada no *Almanaque Evangélico Brasileiro de 1922*, pág. 77.

(105). — Os presbiterianos eram representados por 4 brasileiros, entre os quais Alvaro Reis; os independentes por 4 brasileiros entre os quais Carlos Pereira; os congregacionalistas por 4 brasileiros; os episcopais por 2 brasileiros e 1 norte-americano (restava um lugar a preencher); os metodistas por dois brasileiros e dois norte-americanos. Um total, de acôrdo com os nomes fornecidos pelo *Almanaque Evangélico*, de 16 brasileiros para 12 anglo-saxões.

uma "Federação Universitária Evangélica" e o projeto de uma Faculdade de Teologia unida, mas suas ambições, de acôrdo com uma combinação entre as denominações, não iam além da criação de uma "Aliança das Igrejas Evangélicas Brasileiras", sôbre a base da velha "Aliança Evangélica Universal" que, sobretudo preocupada com a vida religiosa e a ortodoxia da doutrina, não se imiscuia nos problemas prôpriamente eclesiásticos e denominacionais.

Era muito pouco para os adversários do denominacionalismo ou, como diziam êles, do "divisionismo" (106). Uma revista efêmera — *Lucerna* — propagara, em 1929-1930, essas idéias. Alguns metodistas e presbiterianos (das duas Igrejas) pertencentes a êsse partido, no início de 1934, submeteram às assembléias superiores dessas organizações, a idéia de uma fusão das denominações brasileiras. O Concílio Geral metodista respondeu "não só com um voto de simpatia pela feliz idéia, como também com a nomeação da comissão solicitada para estudar o assunto": era a aprovação entusiasta e eficiente de uma denominação que se colocou à testa desse movimento, obtendo grandes resultados, como se vê na Argentina; episcopal e hierarquizada, mas declarando-se de tradição "dissidente", pode ela, com efeito, pretender ser o centro das duas grandes tendências eclesiásticas do protestantismo. A Assembléia Geral Presbiteriana "autorizou" o estudo da questão declarando, entretanto, que "por mais belo que se nos afigure êsse ideal, os fatos atuais indicam ser prematuro qualquer passo nesse sentido", o que tirava todo o valor à autorização concedida. Mostrava-se, ao contrário, interessada num projeto de reunião das duas igrejas presbiterianas que lhe traria vantagens no número, na firmeza de sua direção e no apóio estrangeiro mas que, reforçando o presbiterianismo, não poderia, absolutamente, ser considerado uma vitória do antidenominacionalismo. O Sinodo Presbiteriano Independente foi levado, por seu entusiasmo, bem além dos limites do Brasil e do protestantismo: "declara — dizia êle — que vê com profunda simpatia o movimento de aproximação e unificação do protestantismo em todo o mundo; e embora não espere que o movimento se realize tão depressa, o Sinodo vê, nele, a vitória de uma gloriosa aspiração. Oxalá mais depressa do que se pensa o ideal sublime se realize em tôdas as almas e corações crentes em Jesús se fundem numa só alma e num só coração". Isto, praticamente, não queria dizer muita coisa, vindo de um Conselho do qual se esperavam outras coisas além de efusões: mostravam, pelo menos, que os meios dirigentes da Igreja Independente estavam inteiramente conquistados por esta propaganda. Esta promoveu uma "Liga pró-Unidade Evangélica no Brasil" cujos membros deveriam "orar diâriamente pelos objetivos da Liga" e "dar-lhe co-

(106). — Seguimos aqui a exposição do líder desse movimento, Rev. Epaminondas Amaral, no *Cristianismo*, sob o título "O Problema da Unidade Eclesiástica e a Situação no Brasil".

laboração pessoal, propagando os seus ideais". Esta foi, também, efêmera, mas no mesmo ano o movimento produzia um grande livro, o *Magno Problema*, da autoria do Rev. Epaminondas do Amaral, a quem podemos considerar o líder da nova geração presbiteriana independente, tanto por seus grandes méritos quanto pelas altas funções que desempenhara ou desempenhava à testa do Sínodo, na Faculdade e nos órgãos interdenominacionais.

Essa jovem geração, e aquela que a incitava por trás, encontraram aqui, com efeito, ocasião (não pretexto) de se manifestar e de reclamar sua parte na direção da Igreja. Aqui também nos encontramos diante de um problema que, sem ser novo no Brasil, constituía um problema do "velho protestantismo". A Reforma não criara um estado particular aos jovens, nas comunidades: êstes trabalhavam com os "velhos" na difusão da mensagem evangélica. Nem mesmo havia, nas primeiras igrejas protestantes brasileiras, — até que os missionários, levados por seu espírito de organização e pela imitação das práticas estrangeiras, a instituissem — essa especialização das atividades que separa as idades e os sexos. Manifestaram-se, então, nos movimentos da juventude, duas tendências, que levavam seus membros a não se ocuparem bastante da igreja, ou a se ocuparem demais. Citamos a crítica que lhes é feita ainda em nossos dias, de afastar dos cultos jovens que êles não evangelizam realmente de outra maneira. Essa é a crítica que foi feita, mais particularmente, às obras interdenominacionais da juventude, como a Associação Cristã de Moços, criada no Rio, em 1893, por Myron A. Clark, e que teve logo filiais em São Paulo, Pôrto-Alegre, Recife e outras grandes cidades(107). A obra social que auxilia os jovens toma logo a dianteira, como nos países anglo-saxões, contrariamente à concepção dos protestantismos latinos, tal como o da França, que vê, nas "Unões Cristãs" sobretudo grupos devocionais. As igrejas brasileiras não experimentaram esta nova orientação(108), e foi afastada delas que a A.C.M. do Brasil desenvolveu sua atividade. Em outras ocasiões, como dissemos, a juventude se interessa muito pela vida da igreja local: interessa-se a ponto de querer tomar sua direção impondo-lhe novas finalidades. Isso aconteceu particularmente na Igreja batista — pelo menos nô-lo revela o histórico dessa Igreja, com sua habitual exatidão e essa honestidade que a leva a não esconder nenhuma dificuldade ou problema. Em 1906 (109) foi criada na Bahia uma União da Mocidade Batista; no ano seguinte, a Primeira Convenção Batista Brasileira fundou uma junta da Mocidade Batista, e criaram-se grupos em muitas igrejas. Mas, dizem êles (110), "estas organizações se supunham em muitos casos inteira-

(107). — Cf. *Almanaque Evangélico Brasileiro* de 1922, pág. 94. Vide T. Lessa, *Anais*, pág. 446, 491, 648.

(108). — Ver as reflexões do Rev. Crabtree, *História dos Batistas*, t. I, pág. 35.

(109). — *Ibidem*, t. I, pág. 253.

(110). — *Ibidem*, t. II, pág. 46-47.

mente autônomas, governando-se não raro à revelia da igreja e muitas vezes levando suas iniciativas para dentro da mesma igreja". Isso aconteceu, particularmente, em Belem em 1910 (111) e em Manaus em 1912 (112): A situação só se acalmou com medidas disciplinares, que excluíam os jovens das igrejas, e com o fechamento de suas sociedades. Em 1915 tudo voltara à tranquilidade, mas pouco depois as dificuldades recomeçaram (113), e só foram definitivamente solucionadas em 1922 com a incorporação da Junta da Mocidade Batista à das Escolas Dominicais, isto é, com sua supressão.

Tais questões não possuem grande importância numa denominação móvel e agitada como a dos batistas. Mas nas "Igrejas da Ordem e da Decência" das quais o presbiterianismo se orgulha, o caso muda de figura. Ora, é a uma ação dêsse mesmo gênero que um dos jovens chefes do movimento inovador entre os Independentes, Rev. Eduardo Pereira de Magalhães, concitou a juventude de sua Igreja, através de um livro, *A Marcha da Mocidade*, publicado em São Paulo. Neto de Eduardo Carlos Pereira e secretário geral da União da Mocidade Presbiteriana Independente, valeu-se de seu grande crédito para uma campanha cujos aspectos são, alguns dêles, bastante contestáveis. Não hesitava, com efeito, em pregar a insurreição dos jovens contra os "oficiais" das Igrejas, e a realização das finalidades dos inovadores por intermédio de campanhas que, quando necessário, possuíssem as características de uma conspiração — formando, todos os interessados, pequenos grupos que trabalhassem com o fito de mudar as opiniões, e se aproveitassem de tôdas as circunstâncias, caso a comunidade se lhes opusesse. Admissível, até certo ponto, entre os congregacionalistas, esta política constituía crime de lesa majestade presbiteriana (114). Havia, entretanto, algo mais grave nesse livro, escrito por um secretário geral de toda a Juventude Independente: incitava a juventude das cidades contra a das paróquias rurais, cujo puritanismo e falta de cultura eram presen-

(111). — *Ibidem*, t. II, pág. 135: "A mocidade, que a este tempo gozava de regalias de mando por esses brazis, desmandou-se, admitiu gente de todos os matizes sociais, levou essa orgia de mando para dentro da Igreja, criando uma atmosfera de inquietação. Nelson (o grande missionário sueco criador da igreja) foi chamado às pressas de Belém... moderou uma sessão agitada, e a Igreja fez uma limpeza, excluindo 233 pessoas que tinham entrado na Igreja indevidamente. A União da Mocidade foi dissolvida, e a calma voltou aos arrajais batistas amazônicos".

(112). — A U.M.B. local e seu jornal *Radiante* (à seguir *Justiça*) sustentaram a candidatura do pastor Teixeira junto com um dos três partidos em que se dividia a comunidade. Quando êle foi excluído seus adeptos também o foram (*Ibidem*, t. II, pág. 55).

(113). — *Ibidem*, pág. 128. Não se diz de que natureza foram.

(114). — Admiramo-nos ao encontrar, em recente artigo, o mesmo apêlo à juventude, contra os responsáveis pelas igrejas às quais pertencem. Depois de assegurar que inúmeros corações acalentam o desejo de união das diversas denominações, o autor acrescenta: "Mas êsses corações estão cercados pelos muros do oficialismo eclesiástico; e êles são, muitas vezes — e êste fato auspicioso merecê registro muito especial — os corações da brava e generosa mocidade".

tados de maneira chistosa e injusta. Esse traço caracterizava, finalmente, o movimento inovador, como a expressão de meios urbanos em reação contra as origens e as maneiras de sentir de sua Igreja.

Esses meios urbanos eram os de intelectuais; de "doutores". A notável compilação de teses, publicada após um "Congresso Evangélico", realizado em São Paulo, em 1936, por elementos do movimento "unionista" (115) não se contentou em acusar o "divisionismo" proclamando-o "problema a ser resolvido"; em vários outros pontos, relativos à teologia, apresentava afirmações ou dúvidas bastante alheias à teologia costumária. Ora, quatro entre os nove colaboradores dessa compilação, pertenciam à Igreja Presbiteriana Independente e, além disso, à sua Faculdade. Não é de se admirar tenha a igreja reagido, através de seus meios e organismos mais estranhos às influências inovadoras: os Presbitérios da zona rural apoiados, em São Paulo, por dois dos mais velhos e fiéis colaboradores de Eduardo Carlos Pereira; os Revs. Augusto Pereira Jr. e Bento Ferraz, por um grande intelectual rigorosamente ortodoxo, genro deste último, Prof. Flaminio Fávero, uma das glórias da ciência paulista, e por sua comunidade, a Segunda Igreja Presbiteriana Independente.

Os problemas eram graves, e os partidários das antigas concepções eclesiásticas e teológicas possuíam o direito e o dever de defendê-las: os livros que acabamos de citar ofereciam-lhes ampla e franca ocasião. Infelizmente a questão não foi encarada objetivamente, como acontece, na maioria das vezes, em tais discussões. A questão que, em 1903, deveria ser solucionada na Igreja Presbiteriana, o foi sob o pretexto anti-maçônico. Aquela que, trinta e cinco anos mais tarde, envenenava surdamente a Igreja Presbiteriana Independente — isto é, a existência, dentro dela, de uma elite intelectual que não estava mais de acordo com a maioria da denominação — eclodiu devido a uma circunstância verdadeiramente episódica. "Interrogado por seu Consistório sobre o destino dos ímpios (*em janeiro de 1938*), um candidato ao ministério respondeu que "não possuía opinião formada sobre a doutrina das penas eternas, mas que sentia simpatia pela teoria do aniquilamento da alma" (*dos incrédulos*). Aproveitou-se esse ensejo para discutir, perante o Sínodo então reunido, o ensino dado na Faculdade de teologia, da qual acabava de sair o candidato. Os professores e pastores acusados, responderam da maneira mais nobre e leal, sem esconder que divergiam, em alguns pontos, da interpretação tradicional, subscrevendo, entretanto, uma declaração que satisfaria quase tôdas as Igrejas cristãs. O Sínodo complicou definitivamente as coisas por uma dessas soluções de compromisso e habilidade que não satisfazem a ninguém. Quis revelar ortodoxia a

(115). — *Apreciações e Diretrizes*, Rio, 1937.

respeito do problema que lhe fôra submetido, decidindo que qual-quer que negasse as penas eternas e afirmasse o aniquilamento das almas dos ímpios não poderia ascender ao ministério ou dêle seria excluído: entretanto, lançava seus dardos fora de mira, pois o candidato em questão nada afirmara nem negara, revelando apenas simples hesitações. Além do que, aliás, após grande tumulto a respeito de um caso que não existia, o candidato foi enviado, pelo Sínodo, ao julgamento de seu Consistório que, mais bem avisado, o admitiu no ministério. A Assembléia, ao contrário, admitia que seria oportuno estudar a revisão dos símbolos e nomeava uma comissão a isso destinada.

Não se tratava simplesmente de algumas personalidades às quais se poderia dispensar sua profissão de fé, deixando-lhes — a respeito das modalidades da condenação dos ímpios, que afirmavam — a liberdade de interpretação reconhecida, nesse assunto, pelas Confissões dos Reformadores. Era, entretanto, evidentemente perigoso admitir, em tais condições, um revisionismo difícil de se limitar. Os tradicionalistas persuadiram-se de que, atrás dos pastores e professores em questão, era toda uma denominação que abandonava suas velhas posições. Fundaram uma "Liga Conservadora" dotada de um jornal, *O Presbiteriano Independente*, cujo primeiro número (15 de março de 1938) iniciava por um artigo "contra o revisionismo de nossos Símbolos" e a decisão tomada pelo Sínodo, a êsse respeito.

Não daremos aqui os detalhes da questão — longamente tratada em outro lugar (116). Após viva polêmica de imprensa, reuniu-se, em outubro de 1938, um Sínodo extraordinário, no qual os "liberais" apresentaram uma segunda Declaração de fé que, em outros tempos e outras circunstâncias, teria sido considerada de uma ortodoxia suficiente, não obstante ressalvas que a caridade cristã não permitiria levar a mal. Infelizmente êles terminavam dizendo: "Cremos na preeminência da vida espiritual e ética sôbre os Símbolos de fé que, ainda que necessários e baseados nas Escrituras, são falíveis e devem ser aceitos com um espírito de livre exame". Isto significava, evidentemente, duvidar de tudo ou, pelo menos, reservar-se essa possibilidade. Mais uma vez o Sínodo tomou decisões contraditórias: proibiu expressamente "as reservas a respeito dos Símbolos de Westminster" e aceitou, com agrado, a renúncia de um dos chefes do partido "liberal", Rev. Otoniel Mota, de seu cargo de pastor. Mas, ao mesmo tempo, nomeava uma segunda comissão que deveria elaborar, antes de 1942, uma nova Confissão de Fé!

Novo Sínodo, em sessão ordinária, em janeiro de 1940. Desta vez, por uma contradição análoga à do Sínodo precedente, mas em sentido contrário, a Assembléia declarou fidelidade oficial aos

---

(116). — Ver o fim de nosso livro sôbre a Igreja Presbiteriana no Brasil.

Simbolos de Westminster, de modo que não se tratava mais de revê-los, mas reconhecia aos pastores e crentes, que possuíam dificuldades em sua interpretação, como possuidores de direitos idênticos. Os “conservadores” consideraram que nada mais lhes restava fazer na Igreja Presbiteriana Independente. A lembrança de Eduardo Carlos Pereira e a questão maçônica, impediram-nos de entrar na Igreja Presbiteriana, de onde lhes vinham manifestações de simpatia. Constituíram (fevereiro de 1940) a Igreja Presbiteriana Conservadora, com a Segunda Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo como centro e *O Presbiteriano Conservador* como órgão. No mês de julho puderam reunir um presbitério, e seu movimento já possuía 5 pastores, 11 igrejas com 741 membros adultos(117).

A partida dos “conservadores” deixaria campo livre aos “liberais” na Igreja Presbiteriana Independente? Era de se esperar, e rumores se espalharam, facilitando o recrutamento da Igreja Conservadora; mas, justamente por causa disso, a Igreja Presbiteriana Independente foi levada a afirmar sua ortodoxia a fim de fazer face ao sobrelanço conservador. Como outrora o Concílio de Constância procurara provar sua bastante contestável ortodoxia, condenando João Huss à morte, a Igreja Presbiteriana Independente iria fazê-lo, em detrimento de seus liberais. O Sínodo de 1940 pretendia regulamentar definitivamente a “questão doutrinária”: convocou-se outro, extraordinário, para 1941, a fim de regulamentá-la mais definitivamente. Isso tudo numa atmosfera de debates que — eliminados os ortodoxos intransigentes — se insurgia contra a minoria liberal. O Sínodo encontrou-se diante de propostas de expulsão sumária dos modernistas. Desembarçou-se disso por meio de suas habituais contradições: declarações alternadas de fidelidade aos Simbolos e de revisionismo, apelos paralelos e contrários à pacificação e à severidade. Um fato era, entretanto, certo: louvando e aceitando “o gesto nobre e altamente cristão de pastores chamados liberais” que se haviam declarado “dispostos a se colocar em disponibilidade ativa, por tempo indeterminado, a fim de suprimir as dificuldades atuais”, deixava perfeitamente entrever o quanto desejava que seu exemplo fôsse seguido por seus companheiros de idéias. Os “integristas” haviam deixado vagos seus lugares: restava aos modernistas fazer o mesmo.

Estes não se resignaram tão facilmente. Sabiam (como os “conservadores”) que suas opiniões eram partilhadas por muitos colegas que, por prudência ou amor à paz, não as haviam mani-

---

(117). — No fim de dez anos, a denominação possui, atualmente, “cerca de 2.000 membros, com seus 1.700 filhos batizados, 23 igrejas, 130 congregações e pontos de pregação, 136 escolas dominicais com 1.300 alunos e 127 professores, 24 templos e 4 propriedades, perfazendo um total de Cr\$ 2.300.000,00, renda anual superior a Cr\$ 350.000,00, estendendo-se o trabalho de obreiros devotados a quatro Estados do Brasil” (São Paulo, Minas, Paraná e Golaz): (*Presbiteriano Conservador*, fevereiro de 1950).

festado. Reclamavam o direito de “permanecer para falar”. Se não o haviam feito durante o Sinodo extraordinário de 1941, é porque pretendiam fazê-lo no Sinodo regular, que se deveria reunir no ano seguinte. A maioria da Igreja, essa já o manifestara bastante. Resolveu-se também, contrariamente ao Regulamento da denominação, adiar o Sinodo de 1942. Os últimos “liberais”, tão pateticamente apegados à sua Igreja, foram reduzidos a dirigir-lhe um memorial sobre sua situação e seus princípios: *A Questão doutrinária* (São Paulo, fim de dezembro de 1942), onde se notava a evolução à qual, reações exageradas e uma política eclesiástica infeliz por parte dos Sinodos, haviam conduzido os autores desse manifesto. Partidos da primeira Declaração de 1938, bastante ortodoxa, chegaram, na segunda, a uma afirmação fideísta da preeminência da vida espiritual e ética sobre os Símbolos. Aqueles que, no início, foram apenas “pastores chamados liberais”, segundo a expressão de um Sinodo, começavam agora — de acordo com um processo constante na história eclesiástica — a conformar-se com o qualificativo. — falso a princípio, e daí para diante cada vez mais exato — que lhes haviam atribuído. Seis linhas da *Questão doutrinária* reafirmavam a adesão sem reserva de seus autores “às doutrinas fundamentais do Cristianismo e à orientação da Reforma. Foram-lhes necessárias, entretanto, três páginas para indicar de que maneira eles criam nessas doutrinas e quais os pontos dos Símbolos que não aceitavam. E aqui, a perspectiva exata e as justas proporções de sua concepção eram inteiramente deturpadas, primeiro pelos outros, — correndo o risco de o serem por eles próprios.

Essas três páginas possuíam méritos ou deméritos bem diferentes aos olhos de um crítico ortodoxo de países descendentes diretos da Reforma, como a França. Encontrava-se nelas um “liberalismo teológico”, que poderia conduzir bem longe: reafirmação fideísta da preeminência da vida espiritual sobre os Símbolos, menção do “livre exame da Reforma”, como se esse fosse um ponto característico, insistência sobre a progressividade da Revelação, e as exigências de exegese bíblica. Ao lado desse “liberalismo teológico”, que nos parece uma atitude cronologicamente posterior e derivada, um “liberalismo eclesiástico”, cujas reações constituíram, acreditamos, o início da história espiritual da dissidência “liberal”. Suas manifestações se revelaram pela denúncia de um “direito divino do presbiterianismo” e da “intangibilidade de suas formas”, a saber: uma Confissão de fé e seus Catecismos “redigidos há três séculos, por outras mentalidades, num meio religioso inteiramente diferente”; as explicações humanas, imperfeitas, dadas por eles, sobre os mistérios da condenação dos ímpios e da predestinação; finalmente, o denominacionalismo estreito que faz da anti-maçonaria a “base” duma organização religiosa, — enquanto “tal assunto não justifica a existência de uma igreja separada” — e que, ao

contrário, nega todo valor ao batismo católico, contra o ensino dos Reformadores e (tratando-se, aqui, dos pedobatistas) contra a própria essência do Sacramento.

Esta parte da Declaração liberal era a menos discutível sob o ponto de vista da ortodoxia. Foi nela, entretanto, que seus autores se revelaram o que haviam sido desde o início: adversários de sua denominação tal como era, porque adversários de toda denominação. Além disso, foi a que particularmente motivou as denúncias imediatamente formuladas contra eles, pelos Consistórios. É inútil referir as sentenças, violentas algumas vezes, outras, mais moderadas. Em suma, eles foram convidados a retirar-se espontaneamente da Igreja, com os protestos "de alta estima e amor". "Éramos geralmente considerados — escreveram eles — dignos do ministério cristão, mas indesejáveis no ministério independente". No final das contas, o julgamento não era errôneo: a heresia teológica que lhes era imputada nada mais era que a consequência de sua heresia eclesiástica, de sua atitude em face de sua denominação.

A expressão de seu antidenominacionalismo, impedia a toda igreja dar-lhes refúgio. E, como quase sempre acontece, sua luta contra o divisionismo criou uma nova divisão e mais uma denominação, a Igreja Cristã de São Paulo, constituída a 5 de abril de 1942, após publicação de novo Manifesto, *Ao Protestantismo do Brasil* (São Paulo, 1942). Sua finalidade era "difundir o cristianismo em horizontes mais largos, de tolerância e liberdade em tudo que não afete sua essência, e — livre de compromissos com relação a orientações definidas e métodos oficiais — dar maior importância ao espírito da religião".

A nova Igreja adotou como Declaração de fé o segundo texto que seus fundadores apresentaram em 1948. Dotou-se de uma constituição eclesiástica bastante larga e previu uma União ou Federação eventual de Igrejas locais, sobre o tipo congregacionista. Até hoje, entretanto, permanece sem imitadoras, pequena comunidade de intelectuais e professores de Universidade, que, injustamente, causa um pouco de receio ao resto do protestantismo brasileiro e cujo jornal — *O Cooperador Cristão*, transformado a seguir em *Cristianismo*, menos oficialmente ligado a seu destino — dá a seus colaboradores, mais ou menos ocasionais, vindos de outras Igrejas, a agradável sensação de ousadia ao tocar levemente na heresia e na excomunhão.

A "Questão Doutrinária" e suas consequências para a Igreja Presbiteriana Independente, foram a última crise digna de nota, no protestantismo brasileiro. Não se pode afirmar, entretanto, que a situação se tenha tornado tal que crises semelhantes sejam, daqui para diante, impossíveis, pois os mesmos problemas continuam a apresentar-se, tanto no interior das denominações como entre estas.

Limitando-nos ao problema do denominacionalismo, longe de perder sua acuidade, viu-a recrudescer pela intervenção de novas influências estrangeiras. Pode-se mesmo afirmar que houve um desdobramento, pois, ao lado do velho problema, real e nascido de circunstâncias locais, que continuaremos a chamar problema denominacional, surgiu uma forma mais ampla, vinda do exterior, que é o ecumenismo.

O protestantismo brasileiro é profundamente denominacionista, e tende a permanecer como tal. Os partidários do "unio-nismo" que teimam em ver no pluralismo eclesiástico herança das Missões estrangeiras, esquecem a atração que ele exerce naturalmente, sem pressão alguma. Basta que apareça uma nova denominação em uma localidade, para que encontra logo aderentes nas comunidades mais antigas, sem necessidade de muita propaganda. O pastor metodista de Londrina (Paraná), depois de constatar que pululam as denominações nesse lugar, sempre prontas a enriquecer-se às expensas de sua comunidade, dá uma relação de 70 membros que não freqüentam mais seus cultos, ao que parece atraídos pelas Igrejas concorrentes(118). Seria inútil procurar as razões disso, que, na maioria das vezes, são, certamente, instabilidade, curiosidade, agastamentos. O fato é que os prosélitos vindos do catolicismo, que deixam uma grande Igreja uniforme, não desejam encontrá-la em sua nova religião, possuindo, errada ou certamente, uma visão bem individualista, para não dizer egoista, de "sua" igreja, que sentem tanto mais sua — quase poderíamos dizer — quanto menor o número de seus membros, para não dizer senhores. Velho sentimento, profundamente humano, que encontramos, também, em certos tipos de catolicismo. Recordo ainda uma velha italiana que me disse: "Em Nápoles eles pertencem a São Genaro; em Roma, ao papa; aqui (em Portici), a São Ciro; nós, de São Giovanni a Teduccio (um bairro de Nápoles) somos de São João; e o senhor?..." ; ela não sabia. "A São João Calvino", respondi-lhe, e ela admitiu, como uma coisa natural: cada um com seu padroeiro.

Esta tolerância, proveniente do próprio particularismo, estabelece-se logo que cesse a primeira fase do aparecimento dos recém-chegados — a da caça em terras alheias — passando-se à colaboração prática. Eis dois exemplos recentes dessas boas relações, colhidos na imprensa protestante. Quando os "pentecostais" da Assembléia de Deus de Aracajú inauguraram, em janeiro de 1950, uma capela no bairro de Guajerú, isso foi feito na presença de todos os pastores da capital de Sergipe, isto é, os da Primeira Igreja Batista, Segunda Igreja Batista, Igreja Batista Independente, Igreja Presbiteriana, Igreja Presbiteriana Independente,

---

(118). — *Expositor Cristão* de 7-9-50.

Igreja Congregacional e Cristã(119). Já havia, pois, seis comunidades evangélicas nessa cidade, sem contar a Assembléia de Deus, primitiva. Tratava-se, por outro lado, da extensão de uma Igreja comumente bastante suspeita às velhas denominações protestantes, quer por sua doutrina quer pela atração que exerce sobre os fiéis. O fato de todos os pastores de Aracajú assistirem à abertura dessa nova sala pentecostal, revela a compreensão existente entre os protestantes dessa cidade.

Nosso segundo exemplo será sobre os Presbiterianos Conservadores que, pela violência de sua polêmica na época da separação, são algumas vezes acusados de estreiteza de espírito. Ora, suas comunidades permutam fiéis com as outras denominações presbiterianas e com tôdas aquelas que não exigem o batismo por imersão. Seus pastores pregam nas Igrejas irmãs freqüentemente, como testemunha seu *Presbiteriano Conservador*. Um de seus futuros ministros, em viagem através de um campo de sua denominação, relata que pregou a sets correligionários e, ao mesmo tempo, aos presbiterianos de Areia Dourada, aos Independentes de Iepê e Arealva, acrescentando, com relação a esta última etapa: "Há, nessa cidade, quatro denominações que se reúnem no templo independente". Entende-se que todos aproveitam dos pastores e evangelistas que visitam cada uma delas(120). Parecem mais raros os casos de dissentimentos, como aquêles relatados pelo pastor presbiteriano do noroeste do Estado de São Paulo: em Jales, famílias metodistas e independentes faziam-lhe cara feia, e em Buritama sete denominações disputavam entre si meia dúzia de famílias!

A crítica que se faz mais comumente ao pluralismo protestante, de que êle engendra, fatal e permanentemente, disputas eclesiásticas, perde, pois, muito de seu valor, o que não acontece, entretanto, com a outra que se refere ao desperdício de forças, de tempo e, acessoriamente, de dinheiro.

As pequenas denominações que se ostentam em Estados tão vastos quanto a metade da França, e na maioria das vezes sobre muitos Estados, exigem de seus pastores uma vida de viagens extenuantes. Sem falar da Igreja Evangélica Brasileira, cujos fiéis estão dispersos da Bahia a São Paulo, o "ministro geral" da Igre-

(119). — *Mensageiro da Paz. Orgão das Assembléias de Deus no Brasil* (Rio), primeira quinzena de abril de 1950.

(120). — *Presbiteriano Conservador*, maio de 1950. No número de março, o velho pastor de Jaú observava com satisfação ter pregado e colaborado na distribuição da santa ceia na igreja presbiteriana dessa cidade, e de haver pregado e visitado os presbiterianos de Rio Claro e os metodistas de Penápolis e que a ordenação de um presbítero de sua Igreja em Iacanga se fizera com a participação do pastor e dos anciãos independentes dessa localidade. E um dos pastores a que êle se refere com grande afeto pertence à "Loja", embora se afirme que uma das bases da Igreja Conservadora é a incompatibilidade da Igreja com a Maçonaria.

Outro exemplo nos é dado por uma notícia de "O Expositor Cristo" de 20-7-50. Trata-se da "caravana da Igreja Metodista de Conselheiro Lafaiete (Minas) que foi tomar parte no culto de aniversário duma "Igreja Darbista" vizinha, sem dúvida pertencente à tendência dos "irmãos largos".

ja de Nosso Senhor, Jesus Cristo, tem suas comunidades extremas em Água Clara (Mato-Grosso), situada a 630 kms. e 34 horas de viagem pelo noroeste de São Paulo, e em Belo Horizonte, isto é, cêrca de 920 kms. e cêrca de 23 horas a nordeste da mesma capital. Casos excepcionais, sem dúvida, mas não se dá o mesmo com a viagem, já citada, de um jovem evangelista da Igreja Presbiteriana Conservadora. Resumamos sua relação:

“Saída da residência do pastor, em Avaré, e chegada (20 de janeiro) a Bariri, pregação. Nos dias seguintes, pregações em Arealva, sede principal dessa comunidade, mas por “falta de meios de transporte não pudemos visitar as congregações de Veado de Cima e de Ribeirão”. Parada e pernoite em Marília. Aos 26, de ônibus, fomos a Assis, para daí ir à igreja de Anhuminas. Chegando a Assis, não encontramos mais a condução para Anhuminas. Resolvemos, pois, aproveitar o ônibus que ia a Cornélio Procópio e descer a Fiorínia, ponto de pregação da igreja de Anhuminas. Devido à chuva, aí fiquei, por falta de transporte. Continuamos em caminhonete para Anhuminas; duas pregações no domingo 29 e visitas. Volta a Florínia, para tomar o trem para Presidente Prudente: pregação e visitas. Aos 2 de fevereiro, chegada a Areia Dourada; nos dias seguintes, pregações e visitas. Oito horas de trem até Paraguaçu. Chegada, no ônibus, no dia 7 a Iepê; pregações e visitas. Ônibus com destino a Jacarezinho, mas “devido às chuvas fomos detidos em Ourinhos, também por falta de meios de condução”. Chegada no dia 11 em Jacarezinho; pregações nesta igreja e nas vizinhas de Dourado e de Monjolinho. Depois do meio dia do domingo 12 nos dirigimos, em caminhão, na companhia de muitos irmãos, a essa última congregação. Infelizmente, devido às chuvas e a uma “pane”, não pudemos chegar na hora. Caminhada a pé até a congregação de Ouro Grande. No dia 15, viagem de trem até Platina, a pé até a congregação de Pedra Branca; pregações e visitas. Estrada de Ferro até Siqueira Campos; pregações nessa cidade e numa congregação vizinha (17-19 de fevereiro). Aos 23, volta a Avaré”.

Um total de 17 localidades visitadas, 25 pregações em 18 igrejas ou anexos, e para isso uma viagem de 33 dias e uma despesa de mais da metade das somas coletadas nessas comunidades, não obstante evidente economia e hospedagens asseguradas. O rendimento para tanto esforço, é pequeno.

Inconvenientes práticos, que disposições modestas de experiências em comum e colaboração podem atenuar ou fazer desaparecer. É possível que os ramos separados de um mesmo sistema denominacional se unam, seguindo o exemplo dado, em 1942, pelas Igrejas Congregacionais e Igrejas Cristãs e, em 1950, pelos quatro sinodos das Igrejas alemãs(121). Estamos no terreno nacional,

(121). — A união dos ramos do presbiterianismo foi objeto de uma propaganda na qual se distinguiu o Rev. Samuel Rizzo, professor do Seminário de Princeton (ver um artigo em *Almenara*, órgão da Primeira Igreja Independente de São Paulo, outubro de 1946). Foi nomeada uma comissão que reunia representantes das Igrejas Presbiteriana Independente e Conservadora. O Sinodo Presbiteriano Independente, de janeiro de 1947, recusou, com expressões delicadas, a proposta que lhe fôra feita, a fim de que transportasse sua Faculdade de Teologia para Campinas, onde ela viveria ao lado do Seminário Presbiteriano, com vida autônoma; o Sinodo declarou que a questão da maçonaria tornava impossível a fusão.

das necessidades sentidas e das possibilidades. Essas realizações, entretanto, são insuficientes, para alguns, parecendo-lhes mesmo bastante lamentáveis. "Embora em tais casos — já se disse(122) — haja o louvável propósito unionista, não deixa de ser verdade que, em muitas dessas uniões, na realidade se processa o fortalecimento de um determinado ramo ou sistema eclesiástico, uniões que muito se prestam ao mais decidido pensamento sectário". Por onde se vê muito bem, que não se trata de encontrar uma solução prática a uma situação de fato, mas de uma ideologia que não encerra grande interesse com relação aos problemas locais. O interdenominacionalismo e o antidenominacionalismo de outrora, que possuíam bases nacionais e correspondiam a sentimentos indígenas, se assim podemos dizer, foram absorvidos por uma propaganda estrangeira, sem relações com as necessidades, a mentalidade e as tradições do protestantismo brasileiro: o ecumenismo.

Essa propaganda norte-americana e européia limitou-se, a princípio, a meios restritos que possuíam contacto com o estrangeiro, como a União Cristã dos Estudantes do Brasil, a Igreja liberal de S. Paulo, os colaboradores e leitores de seu órgão, e alguns líderes das igrejas metodistas e episcopais. Recentemente ela alcançou maior auditório devido à repercussão que teve, nos meios protestantes do Brasil, a reunião — em Buenos Aires, 1949 — do último dos Congressos intereclesiásticos panamericanos, realizados sucessivamente desde o Congresso do Panamá. De iniciativa norte-americana, e filiada ao Conselho Federal das Igrejas dos Estados Unidos da América do Norte e a seu aperfeiçoamento, o Concílio Mundial Ecumênico, essa assembléia transportou para a América do Sul, as discussões provocadas por êsses Concílios. O ardente adversário do Concílio Mundial, Rev. Mac Intyre, colocou-se à parte para combater sua influência. Após a reunião de Buenos Aires, que não pertence ao nosso assunto, os meios protestantes das grandes cidades brasileiras foram visitados, sucessivamente, com alguns dias de intervalo, pelo Rev. Mac Intyre e por um dos presidentes do Concílio Mundial, o pastor Marc Boegner. Encontraram-se, assim, em presença de duas ideologias religiosas estrangeiras. É interessante notar suas reações.

No momento, foram todos os espectadores interessados nas pessoas dos protagonistas, mas sem grande interesse pelas causas, pouco conhecidas, que êles defendiam. A distinção e irenismo do velho líder francês causaram, ao que parece, melhor impressão do que a franqueza, a violência, o simplismo e as denúncias, mesmo políticas, do propagandismo norte-americano, atacando, com vigor contrário à gentileza brasileira, pessoas ignoradas. Os problemas básicos empalideciam ante o prazer dessas lições de inglês ianque e francês de Paris, dadas também por ilustres professores:

(122). — Artigo já citado sobre "O problema da Unidade Eclesiástica e a Situação no Brasil".

debates de estrangeiros, a que se assistia em confortáveis poltronas de teatro, sentindo secreto prazer em que o acôrdo do protestantismo brasileiro, comumente pouco conhecido além de suas fronteiras, fôsse tão brilhante e calorosamente disputado. Apenas mais tarde, esquecidos os defensores é que se começou a pensar nas causas que defendiam, ou melhor naquilo que se acreditava haver compreendido a respeito delas, e no que elas representavam praticamente, para as disposições e os problemas do país.

Nesse terreno o debate ganhava interesse, mas se tornava desigual. Partido o presidente do Concílio Mundial, a causa do ecumenismo apenas possuía como aliado, para defendê-la abertamente, o pequeno grupo dos excomungados da Igreja liberal de São Paulo: proteção comprometedora. Stanley Jones, também, passara pelo Brasil e disseminara idéias semelhantes, das quais restaram apenas a admiração de auditores antecipadamente convencidos, e as citações mais ou menos justas dos adversários. O programa do ecumenismo, tal como acabava de ser exposto aos meios protestantes do Brasil, não apresentava, para eles, interesse prático — enquanto um de seus aspectos, deixado um pouco à sombra (a esperança de uma união final de tôdas as Igrejas cristãs), inquietava-os profundamente. Surgiram dúvidas a respeito de relações entre o Concílio Mundial e a Igreja Católica, às quais não se poderia dar respostas negativas ou afirmativas, pois a verdade, em tais assuntos, não é somente uma questão de fatos. É o anticatolicismo inerente à maioria dos meios protestantes brasileiros, trabalhou em sentido contrário ao da propaganda ecumênica.

As teses contrárias possuíam como defensores e propagadores um grupo tão “marcado” quanto o liberal, mas em relações mais estreitas com o protestantismo brasileiro, para o qual representa os “exagerados”, mas não os estranhos. Um punhado de fermento pode ser um pouco azedo, mas não um quisto. Os “conservadores” dedicaram-se à recepção do Rev. Mac Intyre com um entusiasmo e devotamento, principalmente financeiro, que a outra recepção não experimentou. Realizaram-se reuniões de oração, em suas igrejas, para o bom êxito do conferencista. Partido o Rev. Mac Intyre, a “Coligação fundamentalista”, que acabava de ser criada junto à Igreja Conservadora, continuou sua propaganda com ardor redobrado. Entretanto, o pequeno grupo oficialmente “conservador”, que ostenta hoje, à americana, o nome de “fundamentalista”, não redobrou também. A “Coligação” apenas recrutou, como Igrejas, além da Igreja Presbiteriana Conservadora, a Igreja Cristã Brasileira do Rev. Benedito Hirth, menor ainda que a primeira. É, entretanto, encarada com simpatia, apenas com algumas reservas de rito, por inúmeras personalidades de diversas confissões. Seu Jornal *O Fundamentalista*, é publicado, em São Paulo, pelo Rev. Adrião Bernardes, antigo líder do Movimento batista do Norte; o pregador batista mais considerado desta capital, Rev.

Rubens Lopes, assistiu às reuniões de Mac Intyre durante o tempo em que êle esteve aqui, o mesmo acontecendo no Rio com o pastor da decana entre as Igrejas protestantes do Brasil, Igreja Fluminense, mãe e conselheira de tōda a denominação congregacionista; e numerosos foram os presbiterianos que, a titulo pessoal, tomaram atitude semelhante, particularmente nas Igrejas do Norte.

Alguns tempo depois, o lider "unionista" cujo artigo citamos, escrevia:

"As Igrejas não cogitam, de forma nenhuma, de um movimento unionista no Brasil. Mais que isso. Há, no campo oficial do Protestantismo brasileiro, ao contrário de um movimento unionista, francas revelações de divisionismo, em mais de um setor. Há, visivelmente, uma certa renovação do sectarismo no Brasil, o qual... está levando várias Igrejas a esforços que lembram as corridas armamentistas das grandes potências. O sectarismo... vai erguendo assustadoramente a cabeça em nossa terra, sem pensar em corrigir-se pelas veredas da união".

Os qualificativos, que os partidários do "sectarismo" naturalmente modificariam, importam, aqui, menos que aquela constatação. No ano que se seguiu à passagem dos líderes norte-americano e francês, tōdas as denominações foram profundamente revalidadas pelo redemoinho das questões agitadas. De maneira geral, recusaram-se a tōda propaganda no sentido de arregimentá-las num dos dois Concílios universais em presença, o Concílio Mundial, ecumênico, e o Concílio Internacional, anti-ecumênico. "Ambos são o unionismo, escreveu um missionário batista (123). Ambos advogam muita falsa doutrina. Ambos destruiriam a vida batista, se penetrassem profundamente em seu meio". Essa é, exatamente, a opinião corrente em tōdas as Igrejas, exceto os dois grupos extremos que definimos. O protestantismo brasileiro deve, pois, permanecer neutro. Mesmo esta neutralidade, entretanto, já é vitória para os adversários do Concílio Mundial ecumênico: sua causa parecia poder desenvolver-se sem atrair atenção, pela adesão de representantes das Igrejas às reuniões, e de decisões longínquas, das quais as Igrejas pouca notícia teriam. Atualmente, se a América hispânica lhe é favorável (e, em particular, a Argentina, onde a influência metodista episcopal é preeminente), não pode êle contar com a América portuguesa, isto é, com o maior protestantismo latino do mundo. As coisas vão mais longe ainda, e o evangelismo brasileiro, no seu conjunto, está reagindo contra todos os elementos que estiveram em contato com a organização ecumênica e que são, agora, intimados a separar-se dela e repudiar o "modernismo" cujo contato lhes contaminou.

Pois essa é a expressão de maior efeito em tōda a propaganda fundamentalista. E se quisermos encontrar-lhe uma definição, o que não é fácil, ve-la-emos no *croquis* seguinte, levemente tra-

(123). — O *Jornal Batista* de 27-7-50.

çado por um poeta do *O Puritano*, a respeito da igreja e do pastor modernista(124):

I

Existia certa igreja  
Que desejava um pastor  
Profundo, culto, erudito,  
— Um consumado doutor.

II

Podia fumar cigarro  
Cachimbo ou ser bebedor,  
Ir ao cinema aos domingos  
E ser até dansador.

III

Contanto que também fôsse  
Um exímio pregador  
Do Evangelho Social  
Que de tudo é salvador.

IV

E o inferno? Ignorá-lo!  
— E a lei moral? — Sem valor,  
Agora, no pacto da graça,  
Prova-lo-ia o pastor.

V

Ordenado, pronto e farto  
Por tão "piedoso labor"  
Com boa vontade daria  
Esta igreja ao seu pastor.

VI

— Mas — perguntas — tal igreja  
Existe? oh céus! que horror!  
E, se existe tal igreja,  
Será que arranja um pastor?!

O título desta pequena peça é "Sinais dos tempos". O que é, realmente, sinal dos tempos, é que ela tenha aparecido no órgão presbiteriano ao lado de violento artigo, onde o secretário geral da União Cristã dos Estudantes do Brasil ataca o Seminário dessa denominação, por sua orientação insuficientemente moderna. Aqui também neutralidade e equilíbrio igual? O mesmo jornal publicava algumas semanas antes(125) uma questão apresentada pelo Presbitério de Sorocaba, ao Supremo Concílio dessa denominação, sobre as relações que poderia ter, com os estudantes desse Seminário, essa União Cristã dos Estudantes do Brasil, indicada como dependente do Concílio Mundial ecumênico(126).

Outra organização, exclusivamente brasileira, corre também o risco de ser duramente atingida pelas reações atuais: a Confe-

(124). — Número de 10-5-50.

(125). — Número de 25-2-50.

(126). — Outro grande presbitério, o de São Paulo, especialmente importante, tomava na mesma época, esta decisão:

"Em referência à questão relativa à presença de um missionário presbiteriano colocado nos limites do Concílio para trabalhar na evangelização de estudantes sem prévio entendimento com este presbitério, resolve-se: 1) apreciar o trabalho que vem sendo feito pelo Rev. J. C. M. na qualidade de secretário executivo da U.C.B.E. entre os estudantes e universitários do Brasil e este desejo de tornar mais positiva a influência evangélica na classe acadêmica do Brasil a ponto de conseguir a vinda de um casal de missionários para a organização de um "Centro Universitário Cristão"; 2) Apesar disso, resolve-se interpellar o Rev. J. C. M., bem como a *Central Brazil Mission*, sobre a natureza desse Centro Universitário Cristão, modalidade de trabalho a ser executado e posição doutrinária e orientação teológica a ser dada; 3) Representar junto à Comissão do *Modus Operandi* contra o ato do *Central Brazil Mission* ao colocar um obreiro seu em São Paulo para o trabalho de evangelização entre os estudantes, sem prévia audiência deste presbitério, que jurisdiciona a obra presbiteriana de evangelização na capital de São Paulo, enviando-se cópia desta resolução ao secretário executivo da *Central Brazil Mission*". (*O Puritano* de 10-6-50).

deração Evangélica Brasileira. Em seguimento à "Comissão de Cooperação", presta ela grandes serviços administrativos, embora tenha para muitos o defeito de estar ligada ao Concílio Mundial Ecumênico, em virtude da mediação do *International Missionary Council*, de quem tem recebido subsídios(127). O fato de haver ela patrocinado conferências de um dos presidentes do Concílio Mundial aumentou as queixas. Em vão procurou deixar de se solidarizar com as campanhas ecumenistas mais chocantes para os protestantes brasileiros, distinguindo um "bom ecumenismo" de um "mau ecumenismo". A mais antiga das denominações brasileiras, a das Igrejas congregacionalistas, decidiu, sob a influência do pastor da Igreja Fluminense, Rev. Synesio Lyra, dela retirar sua adesão: um dos principais pastores dessa denominação e que era o representante da Confederação em São Paulo, o único que votou contra essa decisão, foi por isso levado a abandonar o ministério(128). As demais Igrejas, sem tomar atitude contra a Confederação, começam a dar ouvidos às queixas feitas contra ela, especialmente quanto à "literatura" que fornece às Escolas Dominicais, literatura considerada excessivamente filosófica e de fundo muito pouco dogmático e muito pouco bíblico.

Vimos o que foi o debate havido nas igrejas congregacionistas e como as igrejas batistas, não ligadas à Confederação, aproveitaram a oportunidade para se declararem contrárias a qualquer filiação inter-elesiástica, tomando parte, entretanto, na campanha contra o modernismo(129). A luta é particularmente intensa nas Igrejas Presbiterianas, onde o anti-ecumenismo ganha terreno.

Seu Supremo Concílio de 1946 havia nomeado um representante junto do Concílio Mundial ecumênico que se organizava. Afirmou-se posteriormente (seu próprio presidente) que "da resolução acima não se pode inferir que o pensamento do plenário tenha sido filiar a nossa Igreja ao Concílio Mundial": em fevereiro de 1949, sua Comissão Executiva havia inscrito o problema dessa filiação na reunião de 1950, com uma fórmula que parecia recomendá-la, dado o trabalho feito na grande Assembléia Ecumênica de agosto de 1948. Mas surgiu o Congresso Pan-Americano de Buenos Aires (agosto de 1949) promovido, na realidade, como meio de propaganda do Concílio Mundial. Alertada pela contra-propaganda fundamentalista, a delegação brasileira que nele tomava parte — na qual as Igrejas presbiterianas estavam representadas, entre outros, por um de seus líderes, o pastor de sua prin-

(127). — Artigo do Rev. Synesio Lyra, "Desfazendo confusões" (*O Cristão* de 25-4-50).

(128). — Ele deu explicação sobre o fato no "Cristianismo" de novembro de 1949, num artigo que provocou pedido de "providências", por parte de uma das convenções da denominação (*O Cristão* de 31-3-50). No mesmo número deste jornal, uma resolução da VII Convenção Regional do Sul da denominação "reafirma a decisão de combater, a tempo e fora de tempo, o Modernismo"!

(129). — Artigo da *Revista Evangélica* reproduzido no *O Cristão* de 31-4-50.

cipal comunidade de São Paulo — se mostrou explicitamente contrária a um ecumenismo que incluísse as Igrejas Ortodoxa e Romana, o que reduzia aos limites do protestantismo o movimento bem mais ambicioso do Concílio Mundial. Um dos pastores presbiterianos do Norte protestou(130) contra a admissão — já efetuada ou desejada — dessas Igrejas, recebendo as felicitações do próprio secretário-geral da Confederação Evangélica Brasileira, que fôra o organizador e a alma da Delegação brasileira de Buenos Aires(131).

Os Presbitérios que — como vimos — são os verdadeiros órgãos de expressão e de direção das Igrejas Presbiterianas, se reuniram no início de 1950. Muitos deles fizeram oposição decidida ao movimento ecumênico, oposição tanto maior, relativa às decisões a serem tomadas, pelo fato de não se encontrarem partidários determinados. O de São Paulo, de que fazia parte o pastor delegado à conferência de Buenos Aires, a que nos referimos, não abordou a questão de frente; mas uma consulta de comunidade de Santos, — que fôra solicitada a emprestar seu templo para uma cerimônia da Igreja Ortodoxa, e que se preocupava em saber se esta poderia ser considerada cristã — o levou, ao mesmo tempo que transmitia o problema ao Supremo Concílio, a responder antecipadamente pela negativa(132): isto implicava colocar-se em atitude de oposição ao Concílio Mundial Ecumênico, franqueado aos ortodoxos(133). O Presbitério vizinho, de Sorocaba, foi mais claro(134): sua assembléia, rezam suas atas, “estranha e lamenta que o nome da Igreja Cristã Presbiteriana tenha sido associado a um movimento religioso que, evidentemente, rejeita muitas das afirmações de maior importância dos Símbolos de fé”: repetia êle, assim, a acusação de modernismo imputada ao Concílio Mundial pelos fundamentalistas do Concílio Internacional, pedindo finalmente que a Igreja Presbiteriana permanecesse estranha a ambos. Idêntico repúdio do ecumenismo ocorreu nos Presbitérios de Pernambuco e Sul de Pernambuco(135). Tratava-se, nestes últimos casos, de nortistas facilmente considerados como os “integristas” do protestantismo brasileiro, e por êsse motivo fortemente atingidos pela propaganda fundamentalista: Recife, no ano anterior, não quisera receber a visita do representante do Concílio Mundial, por eminente e respeitável que fôsse êle, e Mac Intyre, ao contrário,

(130). — Norte Evangélico de 15-10-49.

(131). — Artigo do Rev. Ageu Vieira no O Puritano de 10-2-50.

(132). — “Considerando que a Igreja Ortodoxa professa doutrinas e usa formas de culto que se afastam das Escrituras Sagradas e também diferem essencialmente das doutrinas professadas pela Igreja Cristã Presbiteriana do Brasil, declara-se que não convém ceder o templo de uma Igreja Presbiteriana a uma Igreja Ortodoxa para que ela ali celebre os seus atos de culto” (O Puritano de 10-6-50).

(133). — O Bispo episcopal Pithan, segundo a prática anglicana, admitiu na participação de uma procissão, realizada em sua Igreja, o arcebispo ortodoxo do Líbano: O Estandarte Cristão de 15-4-50.

(134). — O Puritano de 25-2-50.

(135). — Norte Evangélico de 15-5-50.

fôra calorosamente acolhido pelos presbiterianos dessas regiões. Mais significativa da opinião geral da denominação, e mais importante para a decisão que seu Supremo Concílio deveria tomar em seguida, foi a moção do Presbitério do Vale do Rio Doce que representa, atualmente, para ela, seu mais belo campo missionário e de conquista:

“Considerando que se agita a luta no cenário das Igrejas em virtude de opiniões diferentes sôbre a matéria de tornar a idéia concreta do ecumenismo;

.....

“Considerando que a obra de Cristo no Brasil está exigindo tôda atenção da Igreja, dos seus líderes e de seus membros, não podendo perder forças com assuntos que nada adiantam ao Reino de Deus;

“Considerando que a Igreja Cristã Presbiteriana do Brasil precisava de tranqüilidade dentro do seu seio a fim de enfrentar a grande Campanha de Evangelização do Centenário,

“..... propõe

“1.º — negar-se a assumir compromissos de filiação com qualquer organização, nacional ou mundial, que tenha ou procure ter relações com a Igreja Católica Romana, Igreja Ortodoxa ou semelhante, isto é, igrejas francamente heréticas e que têm perseguido os verdadeiros crentes em Nosso Senhor Jesus Cristo.

“2.º — tomar medidas para que não seja representada a Igreja em Concílios ou Congressos nos quais tomem parte essas igrejas” (136).

Nestes últimos casos, a condenação feita contra o Concílio Mundial das Igrejas não foi acompanhada de idêntico pronunciamento, mas ou menos hostil, contra o Concílio Internacional fundamentalista; mas, embora êste silêncio lhe fôsse mais favorável nas decisões dos Presbitérios do Norte, os do Vale do Rio Doce, não obstante dar-lhe razão, pediam claramente a permissão para trabalhar em paz na evangelização, mais do que na polémica.

A posição tomada no Congresso de Buenos Aires e depois dêle, pelo secretário geral da Confederação Evangélica Brasileira — juntamente com os serviços incontestavelmente prestados pela última (137) — impediam os presbiterianos de seguirem, ao se desligarem dela, o exemplo dos congregacionalistas. Muitos Presbitérios e Sinodos se apegaram à parte educativa (e por ela à teológica) de sua obra, e mais precisamente às lições da Escola Dominical em que ela adapta os textos da “Comissão de Educação Cristã”, filiada ao Concílio Mundial ecumênico. Separando-se dela, a Igreja Presbiteriana Conservadora e as Igrejas Congregacionalistas organizaram, a êsse respeito, uma literatura especial. Êsse

(136). — O Puritano de 10-2-50.

(137). — São êles lembrados no próprio órgão dos Presbitérios do Norte, O Norte Evangélico de 1-3-50, mas, por um editorialista mais ligado à Missão do que aos elementos locais — reconhece-se.

foi o "voto" de muitas assembléias presbiterianas, sendo o mais explícito (como se poderia esperar) o do Sinodo Setentrional:

"considerando que as lições da Escola Dominical da Confederação Evangélica Brasileira não chegam em tempo, determinando grandes prejuízos ao trabalho das mesmas;

"considerando que as lições aludidas destinadas às crianças não se baseiam no texto bíblico o que resultará em não familiarizá-las com a Palavra de Deus desde tenra infância, o que já levou um Presbitério a proibir o seu uso no seu campo;

"considerando que as lições em textos diferentes para diferentes idades estão descontentando profundamente a maioria das escolas do Norte;

"considerando que as lições populares não correspondem ao título "popular", pois são em geral vasadas em linguagem nada POPULAR, muito acima do alcance, especialmente dos menos cultos;

"resolve-se conseguir a publicação de lições denominacionais e essencialmente bíblicas..." (138).

Essas deliberações dos Conselhos inferiores (e essenciais) da Igreja Presbiteriana, preparando as decisões do Supremo Concílio convocado para o mês de agosto, eram acompanhadas de uma polémica na imprensa que, igualmente, revelava uma animosidade crescente para com o "modernismo ecumênico". Abstraidas as personalidades separadas da Igreja e militantes no pequeno grupo "liberal", não houve sinão alguns artigos em contrário. Um dêles, da autoria de um professor do Seminário de Campinas, publicado em órgão mais de informação intelectual do que espiritual(139), aceitava as teses fundamentais fazendo apenas ressalvas sobre seu principal corifeu e seus processos de ataque, ensejando a réplica de que o principal, em todo o caso, era a causa(140). Alguns artigos anti-fundamentalistas(141) foram objeto de refutações virulentas por parte de personalidades representativas. O apêlo à volta dos protestantes, lançado pelo papa, por ocasião da abertura do Ano Santo, contribuiu também para reforçar o argumento anti-católico da propaganda hostil ao ecumenismo. Essa controvérsia deu margem, muitas vèzes, de parte a parte, a lugares comuns, a ataques e a insinuações pessoais que limitavam seu alcance. Daí as recomendações da bela zona missionária do Vale do Rio Doce

---

(138). — *O Puritano* de 25-3-50. Deliberações análogas do Sinodo Minas-Espírito Santo e de muitos Presbitérios (Bahia — Sergipe, Sorocabana).

(139). — *Unitas* (revista) de 25-3-50.

(140). — *O Puritano* de 25-3-50.

(141). — Especialmente os artigos "Pensai e deixai-nos pensar" (*O Puritano* de 25-3-50) e "Modernismo e fundamentalismo" (25-7-50). A série de artigos do secretário geral da União Cristã dos Estudantes contra a Faculdade de Campinas estava inspirada na mesma orientação.

e regiões vizinhas — expressas por um dos seus pastores — nos parecerem de um significado e uma importância especiais (142).

Não era difícil, de tantas indicações — na maior parte harmônicas — tirar conclusões, e a Comissão Executiva do Supremo Concílio, antes mesmo da reunião dessa Assembléia, o fez reiteradamente. Seu presidente, Rev. Natanael Cortez, não tardou — observando que a Igreja não estava ainda filiada ao Concílio Mundial — em recomendar uma posição de neutralidade entre este e seu adversário, o Concílio Internacional (143). Quanto à Confederação Evangélica Brasileira e à sua literatura educacional, a Comissão desejou “melhor e mais segura orientação profissional” e se baseou — para repelir o pedido de publicações denominacionais — no fato de que isto exigiria “montagem da máquina complexa” e que representaria “um golpe perigoso desferido na obra de cooperação representada pela Confederação”: recomendava ela que se

---

(142). — Encontram-se no artigo já citado do Rev. Benjamin César, sobre a juventude. “Os jovens estão escandalizados com as nossas divisões e vivem impressionados com uma união material, orgânica, em vez de espiritual, mística... Certo, para isto estão concorrendo homens que não são jovens mas que, em virtude das conferências e congressos que têm promovido e Concílios, por eles organizados, criaram forte ascendência sobre a mocidade evangélica do mundo. Homens cristãos, admiráveis no caráter, no idealismo e na atividade, verdadeiros estadistas do Reino de Deus, mas que podem ter idéias erradas. Note que os ecumenistas exagerados revelam, com o tempo, tendências que é impossível estarem de acôrdo com a Palavra de Deus. Exemplo: falam muito em amor, tolerância, compreensão, mas desprezam certas verdades bíblicas essenciais do cristianismo (os espiritas têm a mesma conduta, embora com erros doutrinários muito graves); tornam-se de tal maneira imbuidos do unionismo que chegam a dizer, como um grande líder europeu: “A oração de Jesus pela unidade de Sua Igreja será atendida” (numa reunião em que falaram esse pastor protestante, um padre católico e um professor ortodoxo), e um talentoso e influente pastor presbiteriano brasileiro: “Nossos irmãos gregos ortodoxos”. Começam a dar ênfase a certas partes do Novo Testamento, relegando a plano inferior outras e o Velho Testamento; perdem o zelo missionário, a ousadia de evangelistas, tolerando especialmente a heresia, o fumo, a dança, a profanação do domingo, o mau teatro; perdem o entusiasmo e o amor à sua denominação e à sua própria Igreja.

Esse ecumenismo é um mau ecumenismo, adotando a classificação do Pastor Marc Boegner, e eu desejava que a mocidade presbiteriana não se deixasse empolgar por ele. Que ela, mais que nunca leal ao presbiterianismo, enquanto existirem “denominações” na terra (e existirão sempre), lute contra esse sectarismo lamentável que perdura e se desenvolve por aí fora”.

Igualmente importante é a aprovação com que o órgão oficial das Igrejas Presbiterianas Independentes — **O Estandarte** — segue a reprodução desse artigo: “Realmente tem sido grave perigo incurrir no coração dos jovens a fantasiosa possibilidade de união orgânica das Igrejas evangélicas. Toda vez que as igrejas começam a cogitar desse assunto, há esmorecimento, morre o entusiasmo; começam logo a pensar que seremos maioria em breve e a separação entre Igrejas tende a aumentar... O dc que precisamos hoje é justamente de atitudes definidas, termos claros e nada de cortina de fumaça para embaciar a vista dos jovens”.

(143). — “O bom senso nos diz que nos devemos manter equidistantes desses movimentos antagonicos e que se processam fora dos nossos limites eclesiásticos. (Relatório da Comissão Executiva, **O Puritano** de 25-1-50). A mesma fórmula numa comunicação da mesma pessoa a seu presbitério particular: **O Puritano** de 25-4-50. Também a Comissão Executiva se tem mantido em atitude de prudente reserva quanto aos Concílios Ecumênicos. Uma de suas deliberações é característica: “Sobre o papel vindo do Conselho Federal das Igrejas de Cristo na América”: 1) declarar que esta Comissão Executiva nada tem a dizer só-

usassem publicações presbiterianas existentes, a fim de completar as lições desta última, e a revisão daquelas, de modo que "correspondessem mais às necessidades de nosso povo e de um melhor conhecimento da Palavra de Deus" (144).

O recente Supremo Concílio acaba de estatuir, de acôrdo com suas premissas, que a Igreja Presbiteriana (145) não se filiaria nem ao Concílio Mundial ecumênico nem a seu adversário, o Concílio Internacional, cujas posições teológicas admitiu êle inteiramente (146).

Não resta, pois, sinão um paladino do movimento ecumênico, entre as principais denominações brasileiras — a Igreja Metodista Episcopal. Entretanto, a sua adesão se torna equívoca. Ao passo que ela manifesta, em regra geral, um unionismo que vai muito longe (147), seu recente Concílio Geral de Pôrto-Alegre deu margem a uma espécie de fortalecimento da ortodoxia. Tinha ela um representante junto ao Concílio Mundial Ecumênico, o qual não era apenas observador, pois havia sido nomeado para uma das Comissões permanentes dessa organização. Convidado a dar explicações sôbre a obra do Concílio e sôbre a Assembléia ecumênica de Amsterdão, não conseguiu êle convencer os colegas da falsidade das acusações apresentadas por Mac Intyre, e, após votação, foi substituído por outro. A fórmula empregada na ata é significativa: "Conhecemos muito bem o fundamento em que se

---

bre a política norte-americana no Extremo-Oriente, por não dever a Igreja ingerir em política; 2) fazer votos de grande êxito pelo trabalho das Igrejas de Cristo naquelas regiões, pois essa é a melhor contribuição que lhes poderão dar; 3) aplaudir a assistência técnica que estão prestando aos povos do setor em apreço, dentro dos princípios cristãos" (O Puritano de 10-6-50). Todos os termos são calculados, e reticentes, e a própria deliberação é negar a intervenção nos problemas políticos e internacionais, o que para os concílios ecumênicos constitui dever das Igrejas.

Por outro lado, a Comissão Executiva acolheu com a melhor boa vontade, a idéia da formação de uma Federação Presbiteriana Latino-Americana que deveria realizar seu congresso na Colômbia. Mas encontrava-se ela, neste aspecto, no campo do unionismo denominacional que o ecumenismo denuncia. (O Puritano de 25-3-50).

- (144). — O Puritano de 25-3-50.
- (145). — Pequeno detalhe, porém, muito significativo. A Igreja Presbiteriana havia tomado, em 1937, a designação de "Cristã Presbiteriana" para afirmar sua fraternidade com as outras denominações cristãs. O Supremo Concílio suprimiu essa junção e afirmou assim seu denominacionalismo.
- (146). — Suscitou-se a questão de saber se o Supremo Concílio autorizaria a presença de pastores, como observadores, junto à Assembléia que o Concílio Internacional realizaria em Genebra (agosto de 1950). Parte do Concílio via nisso violação da neutralidade. A autorização não foi dada e três membros da Igreja Presbiteriana do Brasil assistiram, em caráter privado, a essa Assembléia, juntamente com os delegados da "Coligação Fundamentalista" e os representantes das Igrejas congregacionalistas.
- (147). — O Expositor Cristão de 16/23-3-50 se congratulava por ter o Ginásio Metodista, recentemente fundado em Ribeirão Preto, recebido do Ministério, um "inspetor federal" — que o fiscalizaria — que era o presidente do Centro do Professorado Católico dessa cidade. "Nossa cidade dá, por essa forma, um exemplo vivo de democracia, católicos e protestantes nela trabalham lado a lado pela grande causa da educação". É verdade que a inauguração do ginásio foi honrada com a presença do representante da Loja Maçonica.

alicerça o novo representante de nossa Igreja perante o Concílio Mundial de Igrejas de Cristo e temos certeza de que êle, bom conhecedor do idioma inglês, poderá acompanhar as discussões em um grande Concílio e não admitirá um padrão mínimo com sacrificio de ensinamentos fundamentais das Escrituras Sagradas só por amor de uma união aparente" (148). Donde parecer que, mesmo para um partidário desse movimento, devem os trabalhos do Concílio Mundial ser seguidos sempre com cautela; em todo o caso, a adesão que lhe é dada é apenas condicional e, eventualmente, suscetível de revisão.

(Conclui no próximo número)

*ÉMILE-G. LÉONARD*

Antigo professor de História da Civilização Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Diretor de estudos na Escola de Altos-Estudos — Ciências Religiosas (Paris).